



**Instituto Superior de Ciência da Saúde
Instituto Mineiro de Acupuntura e Massagens**

ANDRÉA MESQUITA SALDANHA DE OLIVEIRA

A DEFICIÊNCIA VISUAL NA VISÃO TRANSPESSOAL

Salvador - BA

2009

ANDRÉA MESQUITA SALDANHA DE OLIVEIRA

A DEFICIÊNCIA VISUAL NA VISÃO TRANSPESSOAL

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Pós Graduação em Terapia Transpessoal no Instituto Superior de Ciência da Saúde.

Orientadora: Prof.^a Lucia Ribas

Salvador - BA

2009

ANDRÉA MESQUITA SALDANHA DE OLIVEIRA

A DEFICIÊNCIA VISUAL NA VISÃO TRANSPESSOAL

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Pós Graduação em Terapia Transpessoal no Instituto Superior de Ciência da Saúde.

Assinatura: _____

Professor: _____

Titulação : _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Professor: _____

Titulação : _____

Instituição: _____

Salvador - BA

2009

Este trabalho é dedicado aos seres que escolheram uma forma não-convencional de ver e experienciar a vida, e que contribuem de alguma forma com a transcendência da raça humana.

Agradeço a Mário Risso, à primeira pessoa que incentivou a realização deste trabalho; à Adelina Baráúna, observadora incansável dos meus movimentos de superação e ao meu marido Ivan, companheiro e testemunha de minha jornada.

Agradeço principalmente aos meus pais, Eliana e Eduardo, matrizes da forma, dos valores, da personalidade e de tudo que o meu Ser precisava para se manifestar na Terra; e à Lúcia Ribas, a luz que vem orientando o meu Ser a desvendar o caminho da transcendência.

“Todo mundo ama um dia, todo mundo chora. Um dia a gente chega, no outro vai embora. Cada um de nós compõe a sua história. Cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz”

Almir Sater e Renato Teixeira

RESUMO

Este trabalho aborda a deficiência visual sob a visão da Psicologia Transpessoal. O objetivo é mostrar como uma pessoa que tem uma visão não convencional pode transcender seus limites físicos e superar os desafios e dificuldades. O caminho para a superação começa com a própria aceitação e a satisfação das diversas necessidades em todos os níveis do Ser. Este estudo apresenta os males dos olhos e as causas metafísicas que os originaram. O aspecto espiritual é apontado como um dos fatores que influenciam na formação das doenças. As doenças são tratadas como oportunidades de aprendizado para o indivíduo, exercendo um papel importante no processo de transcendência do Ser. E, por fim, a cura é desvendada como um processo contínuo de transformação, na qual o Ser tem a oportunidade de realizar a missão de sua alma. Conclui-se, portanto, que o indivíduo é constituído de quatro dimensões básicas: a física, a emocional, a mental e a espiritual. A partir desse conceito observa-se que os males dos olhos podem ajudar aqueles com visão não-convencional a ver e experimentar a si mesmos e a realidade externa através dos outros sentidos, e a compreenderem que seu Ser possui inúmeras potencialidades que precisam ser reconhecidas e manifestadas criativamente no mundo.

Palavras-chaves: Visão Karma Transcendência Mônada Cura Missão

ABSTRACT

This work deals with visual impairment in the vision of psychology Transpessoal. The aim is to show how a person who has an unconventional vision can transcend their physical limits and overcome the challenges and difficulties. The path begins to overcome the very acceptance and satisfaction of different needs at all levels of Ser This study shows the evil eye and the causes that led metaphysical. The spiritual aspect is described as one of the factors that influence the formation of diseases. The diseases are treated as opportunities for learning for the individual, exercising an important role in the transcendence of Ser Finally, disclosure as a cure is a continuous process of transformation in which it is has the opportunity to achieve the mission of his soul. It follows therefore that the individual is composed of four basic dimensions: the physical, the emotional, the mental and spiritual. From this concept it is observed that the evils of the eye may help those with non-conventional vision to see and experience the self and external reality through the other senses, and understand that your being has many possibilities that need to be recognized and expressed creatively in the world.

Keywords: Vision Transcendancy Monad Karma Healing Mission

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UMA VISÃO TRANSPESSOAL DAS DEFICIÊNCIAS VISUAIS - MUDANDO OS PARADIGMAS	13
2.1 OS MALES DOS OLHOS	14
2.2 AS CAUSAS METAFÍSICAS DAS DOENÇAS	19
3 O DESPERTAR ESPIRITUAL – UM CAMINHO PARA A TRANSCENDÊNCIA ...	26
3.1 O ASPECTO ESPIRITUAL DAS DOENÇAS	27
3.2 AS DOENÇAS E A TRANSCENDÊNCIA DO SER	35
4 A CURA: UM PROCESSO DE SUPERAÇÃO	41
4.2 A CURA E O CAMINHO DA ACEITAÇÃO.	47
4.3 A CURA COMO UM PROPÓSITO DE VIDA	53
5 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de trazer à tona algumas questões relacionadas ao desenvolvimento psicoemocional, social e espiritual daqueles que convivem com uma deficiência visual. A idéia central é desmistificar a imagem que as pessoas têm sobre as deficiências, geralmente vistas como motivo de superação heróica ou como um estigma que se carrega ao longo da vida.

Freqüentemente aqueles que possuem visão subnormal (limiar entre a visão normal e a cegueira) enfrentam uma série de dificuldades justamente por não se enquadrarem aos moldes estabelecidos, tendo muitas vezes que assumir uma postura que mascara o que realmente elas são em sua natureza anímica. Isto causa um grande conflito interno e muitas dificuldades em lidar com o mundo exterior. A solução para que essas pessoas vivam melhor consigo mesmas é construir uma auto-imagem que atenda as suas necessidades e crenças pessoais, desvinculando-se um pouco dos modelos sociais exigidos.

Por outro lado, nota-se por parte das terapias e tratamentos médicos tradicionais uma dificuldade em ir além da concepção limitada que rotula aquele que vê de forma não-convencional como “deficiente” e “incapaz”. Desse modo, a psicologia e a medicina perdem a oportunidade de trabalhar o indivíduo sob uma ótica mais holística e que esteja focada na integração do Ser.

Assim, o tema desenvolvido a seguir propõe uma reflexão a cerca da transcendência dos limites impostos pela deficiência visual, correlacionando os aspectos transpessoais que influenciam nessa inter-relação. A questão primordial a ser respondida é: Como um indivíduo com visão não-convencional pode transcender seus limites? Quais os fatores que influenciam na superação da deficiência visual? Para tanto, foram estruturadas algumas hipóteses fundamentais para elucidar essa questão:

- A compreensão dos fatores transpessoais na formação da deficiência visual ajuda a vê-la como um meio de aprendizado e não apenas um limite para a realização do ser.
- O desenvolvimento do nível espiritual conduz o indivíduo a um estado de transcendência do Ser, indo além da identificação com o ego e com a forma física.

- A concepção da cura como um processo de superação propicia a aceitação e a transformação da auto-imagem limitada.

O objetivo deste estudo é analisar os fatores que auxiliam na transcendência dos limites relativos à deficiência visual no indivíduo com visão não-convencional, indicando o processo de aceitação como um caminho para a cura. De forma mais específica este trabalho pretende:

- Apresentar a deficiência visual sob uma visão transpessoal.
- Analisar a inter-relação existente entre o desenvolvimento espiritual e a transcendência da auto-imagem deficiente.
- Demonstrar que a cura é um processo contínuo de superação e aceitação do Ser.

A escolha desse tema nasceu do desejo da autora de mostrar um pouco do universo intrínseco das deficiências visuais e sua implicação na vida cotidiana, já que esta vivencia em sua vida pessoal o desafio de superar as dificuldades que a visão subnormal lhe apresenta. Um dos aspectos de grande relevância a ser abordado é demonstrar que o indivíduo pode viver dignamente as dificuldades como desafios e não apenas obstáculos e limites da realização do seu ser. Pois, na realidade, o que considera-se como “deficiência” visual não existe. O que existe de fato é uma forma diferente e não-convencional de ver e experienciar a vida.

A partir deste trabalho os terapeutas transpessoais poderão conceber a deficiência visual sob uma ótica mais abrangente, reafirmando a influência que os fatores psicoemocionais e espirituais exercem na sua formação, de modo que possam conduzir o indivíduo rumo ao processo de transcendência. Esta monografia se propõe ainda a demonstrar que todos os seres têm condições de superar seus limites e libertar-se da auto-imagem deficiente gerada pelo ego, desde que sejam despertados a força e o desejo necessários para isso.

O conteúdo desta pesquisa bibliográfica está estruturado em três capítulos. Primeiramente, será analisada a deficiência visual a partir de uma visão transpessoal, e os fatores metafísicos inerentes a sua formação. Em segundo lugar, o despertar espiritual será tratado como um processo rumo à transcendência do ser, estudando-se o processo pelo qual o karma contribui para a formação da deficiência. E, em terceiro lugar, a cura será abordada como um processo dinâmico de constante superação das necessidades e desafios, que conduz o indivíduo no caminho da aceitação.

Este trabalho reafirma a existência da dimensão transpessoal dos seres humanos, e a influência que esta exerce na criação, manifestação e cura dos males dos olhos. Mas, principalmente, este estudo evidencia a força que a pessoa tem para transcender seus próprios limites e realizar sua missão de vida, a despeito de sua condição física, se assim ela quiser e estiver preparada. A cura é entendida aqui como um processo dinâmico que envolve vários níveis, que se realiza através do desenvolvimento da consciência e da aceitação do que realmente se é.

2 UMA VISÃO TRANSPESSOAL DAS DEFICIÊNCIAS VISUAIS - MUDANDO OS PARADIGMAS

Este trabalho trata o tema das deficiências visuais sob uma ótica transpessoal, alargando assim a concepção organicista que se tem acerca do homem e seu corpo, compreendendo os aspectos psicoemocionais e espirituais que influenciam no desenvolvimento das doenças e disfunções. O enfoque recairá sobre o caminho que o indivíduo com visão não-convencional pode trilhar na constante busca da auto-aceitação e superação da auto-imagem “deficiente”.

Os indivíduos que apresentam uma forma diferente de visão têm grandes dificuldades para superar suas limitações e adequar-se ao modelo social padrão. Especificamente aqueles que possuem visão subnormal ou baixa visão, freqüentemente enfrentam diversas dificuldades que causam muitos conflitos psicológicos que influenciam na estruturação da personalidade, nos relacionamentos e na escolha profissional.

Alguns persistem com força de vontade e atitude por vezes heróicas, superam obstáculos e perseveram em seu percurso. Outros desistem no caminho, diante das exigências e desafios de uma situação dura e penosa. Sentem dificuldade para pedir e receber ajuda ou interagir com os colegas e professores (SÁ, 2008).

Em contrapartida, a sociedade atual ainda não estabeleceu uma política social e educacional inclusiva que atenda às necessidades básicas de acessibilidade e respeito aos seus direitos de cidadãos.

Geralmente, as pessoas comportam-se de forma defensiva, justificando o despreparo e inabilidade para lidar com a deficiência. Parece haver certa culpabilidade diante da cobrança de ações e de atitudes que poderiam ser praticadas e não foram por desinformação ou desconhecimento (SÁ, 2008).

É preciso mudar a forma de olhar as pessoas portadoras de qualquer tipo de necessidades especiais, encarando-as com mais naturalidade, respeitando seu ritmo e reforçando sua dignidade.

Trata-se de procurar compreender para saber como agir. Evidentemente, vamos acertar e errar. O caminho é construído na multiplicidade de nossas experiências. Para isto, temos que nos desarmar, saindo da condição de

não saber e aprender, sem se fechar para o conhecimento e a experiência (SÁ, 2008).

Analisando os fatos descritos até aqui, pode-se encontrar uma série de conseqüências psicoemocionais que interferem negativamente no processo de desenvolvimento da personalidade de um indivíduo com visão não-convencional. Porém, neste momento é preciso olhar mais profundamente o corpo humano, ampliando a visão acerca da origem das doenças, mais precisamente os males dos olhos.

2.1 OS MALES DOS OLHOS

A medicina ocidental fornece uma série de explicações a cerca das deficiências visuais que dizem respeito apenas às disfunções físicas, desconsiderando as causas transpessoais. Contudo, algumas abordagens já admitem que o fator psicoemocional seja a chave para a formação das enfermidades e, até mesmo, de sua prevenção e cura.

Os estados emocionais e os aspectos psicológicos - que muitas vezes se apresentam sob a forma de padrões negativos de crenças - são elementos que provocam distorções na saúde, ocasionando diversos tipos de desordens psicofísicas. Atualmente muitas dessas desordens são consideradas pela medicina acadêmica como sendo psicossomáticas, ou seja, desequilíbrios emocionais e físicos que podem ser ou não descritos organicamente. Sendo assim, a Medicina Acadêmica conceitua os males da visão apenas sob o prisma das desordens funcionais.

Adota-se como conceito de deficiência visual a presença de cegueira ou visão subnormal. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerado portador de cegueira o indivíduo com acuidade visual desde 3/60 (0,05), no melhor olho e melhor correção óptica possível até ausência de percepção de luz, ou correspondente perda de campo visual no melhor olho com a melhor correção possível. A definição de visão subnormal corresponde à acuidade visual igual ou menor do que 6/18 (0,3), mas, igual ou maior do que 3/60 (0,05) no melhor olho com a melhor correção possível (TEMPORINI, 2008).

Em termos práticos, vê-se uma sintomatologia bastante específica em cada caso, sendo variável de pessoa para pessoa.

A visão subnormal (VSN) é definida também como uma perda acentuada da visão que não pode ser corrigida por tratamento clínico ou cirúrgico, nem com óculos convencionais. Também pode ser descrita como qualquer grau de enfraquecimento visual que cause incapacidade funcional e diminua o desempenho visual. (TEMPORINI, 2008).

Por outro lado, existem abordagens mais contemporâneas que integram as várias dimensões do homem em um contexto holístico e interdependente, o qual deve ser amplamente verificado. Dessa forma, o terapeuta transpessoal desempenha um papel fundamental nesta questão, cuidando do ser de modo integral, ajudando-o a elucidar as causas primordiais das disfunções e contribuindo para que ele tenha uma concepção mais ampla sobre si mesmo. “O terapeuta é um suposto escutar. Trata-se aqui de uma escuta inclusiva que não divide o que a própria vida uniu: o corpo, a psique e o espírito”. (LELOUP, 1997, pág. 12).

Segundo muitos modelos teóricos, os males físicos cumprem uma função importante no processo de evolução espiritual e pessoal. O corpo humano transcende os seus limites metabólicos e estruturais, compreendendo aspectos mais sutis, compartilhando da mesma essência constante na grande consciência universal. Para Martins e Leonelli (2004) o ser humano é constituído de energia mais ou menos condensada, cuja forma está constantemente sofrendo inúmeras transformações, não havendo barreiras entre ele e a realidade que o cerca. O mundo interior e o exterior estão diretamente inter-relacionados.

Antes de se analisar o significado dos olhos sob uma visão transpessoal do ser, é preciso compreender mais a fundo a importância dos órgãos sensoriais. De modo geral, eles compreendem as funções de ver, ouvir, sentir e perceber o mundo. Os órgãos relacionados são os olhos, os ouvidos, o nariz, a língua e a pele.

Por isso, é correto afirmar que as impressões sensoriais funcionam como verdadeiras antenas que ligam as pessoas diretamente ao que existe fora delas, proporcionando um estado mais expandido da consciência, ao mesmo tempo em que as auxiliam na auto-expressão. Sob outro ângulo eles estão associados também ao mecanismo de projeção: os seres se relacionam externamente com aquilo que já se encontra em seu interior. “Os órgãos dos sentidos são os portais de nossa consciência. São as janelas de nossa alma, através das quais olhamos para fora a fim de, em última análise, para vermos a nós mesmos”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág. 143).

Portanto, a doença nestes órgãos reflete uma necessidade de diminuir a projeção e, finalmente, transferi-la na direção oposta que é o próprio interior do indivíduo, a fim de trazer à luz da consciência o que está imerso no subterrâneo do inconsciente. É um convite para que ele mergulhe no caminho do autoconhecimento. “Conforme os órgãos dos sentidos vão deixando de funcionar adequadamente, o ser humano se vê obrigado a refletir sobre si mesmo”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág. 145).

Tratando mais especificamente a questão dos olhos, vê-se que eles acumulam uma dupla função, que é captar informações e transmitir aquilo que se passa no corpo e na mente. Estas duas funções estão interligadas de forma bastante intensa. Desse modo os olhos comunicam tanto as idéias e pensamentos, como as emoções e sentimentos. “Além de captar as impressões, os olhos também refletem algo para o exterior: neles se percebe os sentimentos e a disposição das pessoas. Os olhos são o espelho da alma”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág. 145).

Na visão chinesa os olhos são os órgãos dos sentidos que ajudam as pessoas a verem o mundo e a elas mesmas claramente.

Eles estão associados à energia do Princípio da Madeira e representam o nível que está mais relacionado com o sentimento e com o ser. Logo, os males dos olhos significam que temos dificuldade para ver algo em nossa vida, mais especialmente, algo que nos atinja no nível afetivo. (ODOUL, 2003, pag. 182).

Quando se predispõe a entender mais amplamente a complexa rede de fatores emocionais que influenciam os problemas dos olhos, é importante que se faça uma profunda avaliação dos aspectos psicológicos evidenciados pelas doenças e sintomas, e quais os reflexos dessa na interação do indivíduo com o mundo. Seguindo esta linha, os males dos olhos provocam um grande questionamento a cerca de quem realmente ele é e de como ele atua diante dele mesmo e da vida.

Cada disfunção tratará de uma causa determinada, contudo a observação da lateralidade poderá mostrar mais especificamente as origens das distorções. “Se for o olho direito, a tensão está relacionada à simbologia yin (a mãe), e se for o olho esquerdo, o que nos recusamos a ver está relacionado à simbologia yang (o pai)”. (ODOUL, 2003, pag. 182).

Yin	Yang
<p>A lua, o inverno, a água, o norte, o frio, a noite, o feminino, a mãe, o passivo, o negativo, a recepção, o sentimento, o afeto, o profundo, o preto, o escuro, a obscuridade, o interior, o escondido, o espaço, o baixo, a direita, o suave, o maleável, o manifestado, o tangível, o gesto, o real, o par, a matéria, a quantidade, a substância etc.</p>	<p>O sol, o verão, o fogo, o sul, o calor, o dia, o masculino, o pai, o ativo, o positivo, a dádiva, a ação, a reflexão, a superfície, o branco, o claro, a luz, o exterior, o aparente, o tempo, o alto, a esquerda, o duro, o rígido, o não-manifestado, o intangível, o pensamento, o virtual, o ímpar, a energia, a qualidade, a essência etc.</p>

Figura 1 – Simbologia Yin / Yang

O olho direito proporciona a visão horizontal, e evidencia conflitos de ordem estrutural, ligados ao feminino, à passividade, à matéria e aos sentimentos. Enquanto que o olho esquerdo responsabiliza-se pela visão vertical, evidenciando conflitos de personalidade e aspectos ligados ao masculino, à ação, ao não-material e aos pensamentos.

Segundo Hay (1988) os olhos “representam a capacidade de ver claramente o presente, o passado e o futuro”. Os problemas relativos aos olhos demonstram que a pessoa “não gosta do que vê em sua vida; medo de olhar para o presente, objetivos confusos e uma incapacidade de encarar o futuro.” Ela acrescenta ainda que os defeitos de nascença sejam resultantes de “carma”, “situações inacabadas” e aspectos “sombrios”.

Conforme este conceito percebe-se que a recusa em encarar diretamente certas dificuldades e sentimentos, e a falta de habilidade de lidar com obstáculos provocam um alto grau de ansiedade e, conseqüentemente, o medo e o pânico. O medo pode ser visto aqui como um agente protetor, um mecanismo de defesa que evita o sofrimento relacionado às situações que assustam o indivíduo, utilizando a doença como um meio de impedi-lo de enxergar claramente o que está a sua volta.

Em alguns casos a visão subnormal faz com que as pessoas limitem a disposição que têm para ver o mundo, concebendo-o segundo sua própria visão. Esta forma de enxergar, tanto física como mentalmente, demonstra uma dificuldade de lidar com o exterior, e uma recusa em vê-lo como realmente é. Assim, o fato de não enxergar as coisas nitidamente pode condicioná-las a manter certa distância do

que não lhes parece conhecido e seguro, gerando muita ansiedade e estresse. Então, elas terminam não percebendo claramente aquilo que não desejam encarar. Em outras palavras, lhes falta vontade suficiente para enxergar aquilo que na realidade lhes fere, constrange ou simplesmente negam.

A sombra como sendo também um elemento catalisador da doença, é vista aqui como aqueles aspectos que são relegados ao inconsciente por serem incompatíveis com a forma social e moral estabelecida. A doença é uma oportunidade para que eles venham emergir a fim de serem vistos de outro ângulo, até que sejam compreendidos e integrados.

Em geral as deficiências são interpretadas pelas pessoas como algo negativo que inspira sentimento de pena, relegando o “deficiente” a uma condição inferior, segregando-o por sua diferença. Por outro lado, existe uma idéia por parte de alguns grupos espiritualistas de que os problemas físicos são castigos provenientes de uma má conduta em uma outra encarnação. Essas concepções parecem bastante preconceituosas e simplistas. Sabe-se hoje que as deficiências visuais são um meio de grande aprendizado, pois funcionam como molas propulsoras de constantes movimentos de evolução e superação, sendo uma forma do indivíduo desenvolver muitas outras possibilidades de experienciar e atuar no mundo através dos demais sentidos.

Neste ponto é necessário fazer a distinção entre dois tipos de deficiências: as deficiências congênitas e as deficiências adquiridas. No primeiro caso, trata-se daquelas disfunções que o indivíduo já traz consigo ao nascer, e que não encontra uma possibilidade de cura pelos tratamentos médicos convencionais. No segundo caso, enquadram-se aqueles males e distúrbios que acometem o indivíduo ao longo do percurso de sua vida. Tanto as deficiências congênitas quanto as adquiridas têm a possibilidade de dirigir o indivíduo a um estado de ser mais elevado e completo, porém o que as diferencia é a natureza de sua formação, e o modo como estas são utilizadas e trabalhadas por aqueles que têm esta lição a aprender.

2.2 AS CAUSAS METAFÍSICAS DAS DOENÇAS

Em muitos momentos a medicina ocidental trata as enfermidades de forma cartesiana, desconsiderando a inter-relação que existe entre estas e os aspectos emocionais e mentais que alimentam os corpos físico e sutil. As abordagens que se baseiam prioritariamente em pilares acadêmicos não postulam um modelo holístico dos organismos, e terminam evidenciando a separação entre as várias especialidades, dificultando assim a real compreensão do ser.

Outro aspecto que é importante ressaltar é a maneira mecânica e superficial que alguns profissionais de saúde definem os diagnósticos e prognósticos, estabelecendo rótulos e desprezando os elementos pessoais e contextuais que permeiam a vida do indivíduo.

As tradições orientais tentaram reforçar a percepção da unidade subjacente a todas as coisas, enquanto que as escolas dominantes no Ocidente tentaram reforçar a percepção do dualismo (desunião) de todas as coisas. (Pierrakos, 2004, pág. 40).

A medicina oriental tem uma concepção mais ampla do homem, considerando todos os aspectos que, de alguma forma, o envolvem. “A visão tradicionalista chinesa não segmenta problemas de saúde como entidades físicas e psicológicas, pois não existe o dualismo Mente/Corpo. O homem é um todo indivisível, composto de corpo, mente/espírito e fica clara a influência recíproca entre eles.” (MARTINS, LEONELLI, 2004, pág. 216).

Sendo assim, o homem é um ser único e especial que guarda um universo em si, e que mantém uma complexa rede de relações interdependentes com seu corpo e com o mundo a sua volta.

O homem está sob influência constante de múltiplos fatores, procurando adaptar-se às novas situações; vive de acordo com o meio, resiste às agressões, observa o ritmo das estações, alternância do dia e da noite, ciclo das horas, etc. Exatamente por causa dessas incessantes mutações, nos desequilibramos. (MARTINS, LEONELLI, 2004, pág. 21).

O ambiente e os seres vivos estão em constante interação, produzindo fluxos de energias nos seus sistemas. Nos seres humanos esses fluxos por sua vez, combinam-se com seus padrões de crenças e emoções, provocando o surgimento de diversos sentimentos.

Os sete sentimentos – alegria, medo, raiva, melancolia, tristeza, desgosto e temor – representam modificações do espírito como reação à percepção de mensagens emocionais transmitidas pelo ambiente, fazendo parte da esfera da atividade normal da mente e não sendo, por si próprios patogênicos. (MARTINS, LEONELLI, 2004, pág. 215).

Em outras palavras, tais emoções e sentimentos não são de natureza nem negativa nem positiva, mas são expressões/sintomas dos desequilíbrios e distorções do campo de energia humana. Por outro lado, as doenças cumprem a função de comunicar as dificuldades vivenciadas pela alma. “A doença é uma mensagem direta [...] que indica as desordens energéticas do campo áurico, mas também mostra os passos que levará o ser de volta ao verdadeiro eu e à saúde”. (BRENNAN, 2003, pág. 189).

Entende-se por campo áurico ou campo de energia humana, um campo energético pulsatório de forma mais ou menos oval que envolve o corpo físico, constituído por vários níveis com densidade e vibração específica, apresentando-se de forma distinta em cada pessoa. “A aura, ou Campo de Energia Humana(CEH), é a parte do CÉU [Campo de Energia Universal] associada ao corpo humano. Pode ser descrito como um corpo luminoso que cerca o corpo físico e o penetra, e emite sua radiação e característica própria”. (BRENNAN, 2003, pag.67).



Figura 2 – A aura Humana

As deficiências visuais, de caráter congênito ou adquirido, podem ser originárias de dois contextos. Um deles refere-se aos fatores de ordem espiritual que

a alma “escolhe” para vivenciar na experiência corpórea (Este tema será abordado no capítulo 2.). O outro contexto evidencia os desequilíbrios no funcionamento do sistema energético da pessoa, cristalizados nas formas-pensamento, emoções e comportamentos negativos.

Nota-se, então, que muitas vezes as deficiências são provenientes do estado energético resultante dos sentimentos e das percepções que o indivíduo vivencia no contato com o mundo, e do conceito que formula acerca de si mesmo. Avançando por este caminho, compreende-se que as doenças ocorrem quando o indivíduo se distancia da sua essência e passa a desenvolver hábitos, comportamentos e atitudes, sem sintonia com os objetivos da sua alma. Dessa forma, a conexão com o seu propósito de vida torna-se cada vez mais enfraquecida, comprometendo o potencial de auto-realização a que se propôs concretizar. Os problemas dos olhos podem ajudar o indivíduo a relembrar os seus desejos e metas, corrigindo seus passos no caminho, e mostrar as outras maneiras que ele tem para enxergar o mundo.

Assim, algumas doenças e deficiências não são apenas resultantes do mau funcionamento de processos fisiológicos e bioquímicos, mas sim de uma série de fatores que compreendem os planos físico e espiritual. Segundo Brennan (2003) a criação das doenças acontece através de conceitos e crenças negativos estruturados nos níveis superiores (sutil) que progressivamente vão se cristalizando nos níveis mais densos até se manifestarem no corpo físico.

O processo de materialização ou densificação das energias geralmente se inicia no nível sutil, e em seguida os desequilíbrios se expressam através das emoções – estas nem sempre são percebidas pelo consciente - manifestando-se primeiramente nos chakras e depois no plano físico, chegando até os órgãos e membros. Tal padrão fornece apenas um modelo introdutório para que o tema seja melhor entendido. Porém, a formação dos sintomas constitui um processo imprevisível que acontece de modo individualizado, conforme a natureza essencial de cada ser.

Neste sentido a tradicional medicina chinesa fornece informações bastante precisas quanto às causas metafísicas dos males físicos. Segundo esta visão, a doença se estrutura de modo processual e gradativo – através do Sistema de Densificação e Liberação - assemelhando-se ao fenômeno da formação das chuvas. O Sistema de Densificação refere-se ao modo como a energia é distorcida

no sistema até que seja manifestada no corpo sob a forma de sintomas físicos e desordens psicoemocionais.

Antes de tudo, há a presença de certa umidade no ar (Não-consciente). Depois essa umidade começa a se densificar, condensando-se sob a forma de vapor de água. No céu, ela forma, então, nuvens (idéias, pensamentos, emoções, vontades, intenções etc.) que são perceptíveis. O vapor de água continua se densificando nessas últimas, e termina por produzir gotas de água, chuva e tempestades. O aguaceiro cai então no solo, na terra (nosso corpo) que fica encharcado dessa água (sensações, sofrimentos). (ODOUL, 2003, pag. 41).

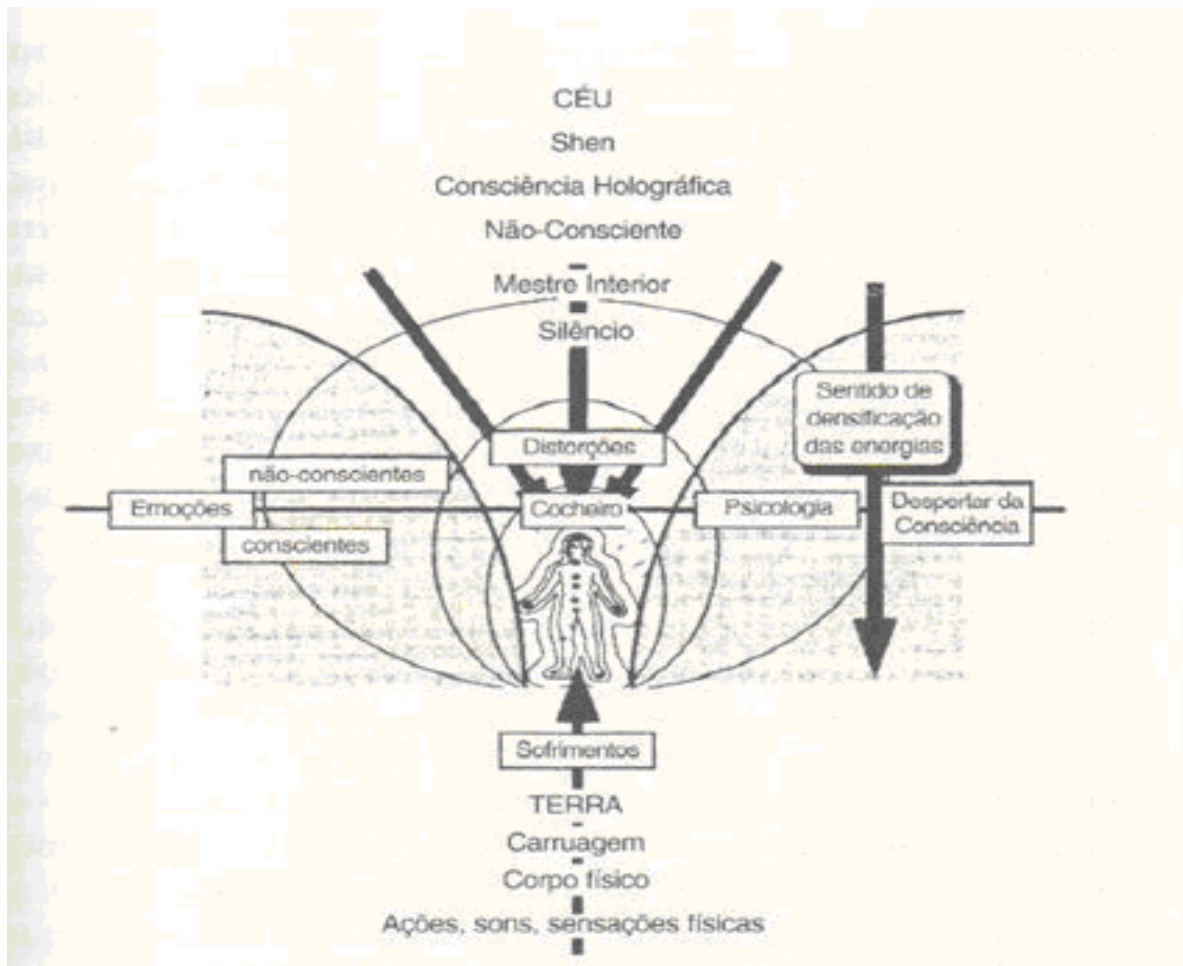


Figura 3 - O Sistema de Densificação da Energia

No processo descrito acima, tudo se inicia no não-consciente. De modo quase que involuntário as energias dissonantes com o sistema se cristalizam e, aos

poucos, se concentram através de distúrbios psicoemocionais até se manifestarem no nível físico por meio de disfunções, dores, acidentes e doenças. Assim, os males dos olhos aparecem no corpo físico, quando as energias provenientes de crenças, emoções e atitudes negativas bloqueiam ou desvirtuam o fluxo harmonioso do sistema energético, para que possam ser reconhecidas e transmutadas.

Por conseguinte, ao passo que o processo de Densificação vai sendo completado, naturalmente começa o caminho inverso que é a Liberação. O Sistema de Liberação descreve a forma como ocorre a transmutação da energia dissonante nas dimensões do Ser.

A terra “devolve” a água ao céu fazendo-a escoar naturalmente dos rios e ribeirões até o mar. Depois a água se evapora e se transforma em vapor e umidade do ar. Se a terra guardar a água (lençol freático confinado, barragem, etc.), após uma tempestade mais forte, que não pode ser absorvida, tudo estoura. (ODOUL, 2003, pág. 45).

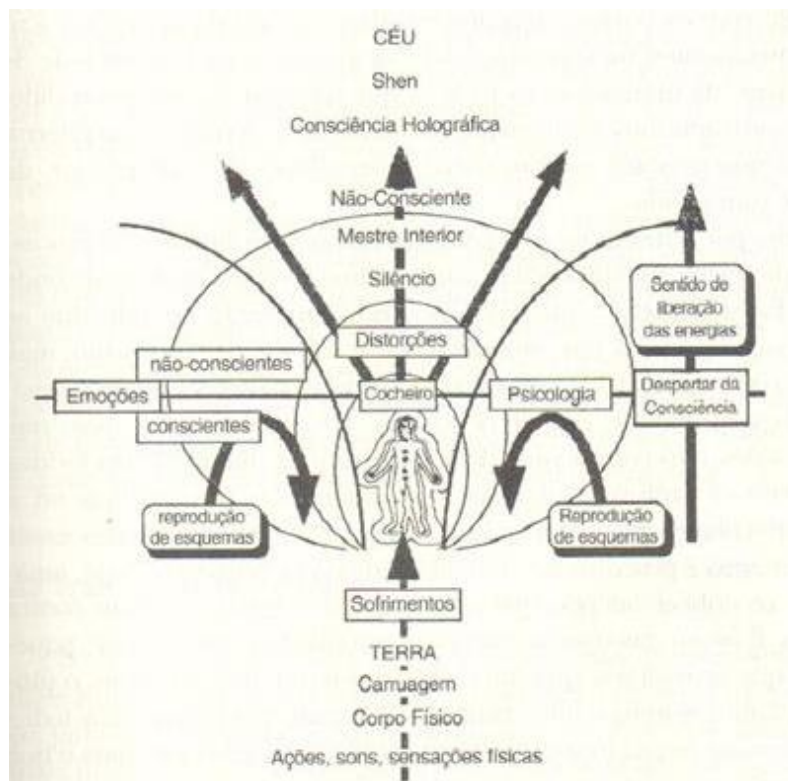


Figura 4 – O Sistema de Liberação da Energia

Já no processo de liberação, o caminho é inverso, ou seja, a energia parte do consciente e retorna ao não-consciente após ser devidamente compreendida e transmutada. Quando os sintomas e disfunções são entendidos e

tratados, há uma completa restauração das vibrações que os constituem. A energia então retorna ao sistema energético sob a forma de aprendizado.

À medida que o indivíduo aceita e acolhe os sofrimentos (disfunções), compreendendo as causas que os constituíram, alcançará então uma nova consciência e a dor passará para o nível emocional. Desse modo ocorrerá uma reforma íntima que redirecionará suas escolhas e atitudes perante a vida. A partir daí se efetivará o processo de liberação final, no qual ocorre a eliminação das causas (idéias, emoções, sentimentos) que originaram as doenças, os sintomas desaparecem e a mente funcionará sob um novo padrão vibratório.

Porém, se a pessoa insistir em permanecer alheia aos verdadeiros motivos das enfermidades e tensões, ela será vítima de sua própria ignorância, aprisionada dentro de si mesma. “Se bloqueamos essas energias com a poluição interior (emoções, rancores, ressentimentos, etc.), as tensões e sentimentos permanecem dentro de nós e produzem um ciclo bumerangue que se auto-alimenta e escurece o nosso cotidiano”. (ODOUL, 2003, pág. 46).

Desse modo, tal como a água da chuva, as tensões e os sofrimentos inerentes dos seres humanos geralmente passam pela experiência da manifestação física ou psicológica antes que sejam liberadas, a fim de tornar consciente aquilo que bloqueia o fluxo de energia vital no inconsciente. Portanto, o objetivo das doenças, sofrimentos e tensões é corrigir a forma como o indivíduo está lidando com a vida e consigo mesmo. Esta concepção se aplica aos casos em que a pessoa necessita de um alerta ou um chamado da vida para que retorne ao seu verdadeiro caminho.

De modo particular, os males dos olhos podem tornar o indivíduo mais consciente de si mesmo, oferecendo-lhe a oportunidade de conhecer mais profundamente seus pensamentos e suas emoções, a fim de que sua interação com a realidade exterior seja mais aberta e harmoniosa. Além disso, as pessoas com visão não-convencional têm a oportunidade de atuar na vida através do desenvolvimento dos outros sentidos, tais como a audição, o tato e até mesmo a intuição.

A abordagem transpessoal concebe que as deficiências visuais têm sua origem descrita muito além dos critérios genéticos e orgânicos. De um lado, as doenças advêm de padrões psicoemocionais que geram crenças e emoções negativas, proporcionando uma freqüência vibratória de energia mais densa,

ocasionando assim as disfunções físicas. E, por outro lado, existem aqueles males que constituem uma preciosa ferramenta de aprendizado escolhida pelo Ser, afim de que possa usufruir das possibilidades de uma nova forma de se apresentar diante das outras pessoas e de si mesmo.

No enfoque transpessoal, vê-se ainda que a limitação advinda da deficiência visual não é tratada como simplesmente uma fatalidade, azar ou descuido. Ela é vista como um reflexo do anseio de crescimento advindo da própria alma, e como o resultado de condutas e comportamentos cristalizados, que desconectam o indivíduo daquilo que seu ser precisa realizar nessa experiência corpórea. Em outras palavras, a “deficiência visual” é um desafio pelo qual o indivíduo poderá atingir a auto-realização, e a forma não-convencional de visão se propõe a direcionar seu olhar para aquilo que realmente requer maior atenção: a verdade intrínseca do Ser.

Portanto, se a pessoa com visão não-convencional se dispuser a compreender as causas transpessoais que se apresentam subliminarmente nas disfunções, indo além do paradigma cartesiano, ela começará a ver a si própria de maneira mais ampla, validando todos os aspectos internos e externos que influenciam o seu bem-estar. Dar um passo adiante daquela concepção que limita o ser humano aos parâmetros da “deficiência visual”, conduz o ser no caminho do autoconhecimento e constante superação.

3 O DESPERTAR ESPIRITUAL – UM CAMINHO PARA A TRANSCENDÊNCIA

As pessoas que têm baixa visão ou visão subnormal freqüentemente sentem-se divididas. De um lado, há uma limitação real que impõe certos posicionamentos diante do mundo. Por outro lado, existe um impulso primordial que as direciona à superação. Estas duas vozes podem se tornar conflitantes se não houver um consenso que satisfaça a ambas. Elas não devem ser tratadas como se fossem totalmente cegas, muito menos devem ter seus direitos e necessidades negligenciados, no que tange o seu bem-estar físico, psíquico e emocional. O fato da pessoa ter uma forma diferente de visão não quer dizer que ela precisa ter “regalias”, mas sim que elas precisam de cuidados especiais e que suas condições básicas sejam atendidas, para que possam manifestar realmente suas capacidades.

O conflito referido acima advém justamente do conflito oriundo dualismo intrínseco da natureza humana, o qual deve ser transcendido ao longo da vida. O indivíduo vive num corpo material e se identifica plenamente com ele. Contudo, esse corpo é apenas uma manifestação da sua essência espiritual. “A deficiência não pode ser vista como anteparo e obstáculo intransponíveis. Se assim for, cria-se uma relação estereotipada com base em idéias preconcebidas e centradas em uma parte da pessoa que anula o todo”. (SÁ,2008).

O dualismo se instala quando se concebe o corpo como uma entidade separada do espírito. A deficiência - se for analisada prioritariamente por este prisma dual - é vista apenas sob o ponto de vista funcional, negligenciando todo o potencial criativo que o ser tem para manifestar. Segundo Pierrakos (2004), o ser humano guarda na sua Essência um potencial único de realização proveniente do Universo, que se expressa conforme a quantidade de energia concentrada.

O ser humano vivencia em seu corpo físico as qualidades vibratórias de sua alma, e a nível de sua essência contém as inúmeras tendências e possibilidades a serem desenvolvidas criativamente no plano desta dimensão, seja qual for a realidade física que estiver inserido. Em hipótese alguma a pessoa com visão não-convencional deve definir-se como “deficiente”, cristalizando uma auto-imagem extremamente irreal e limitada. Na verdade, o corpo físico é apenas um veículo que

a alma utiliza para vivenciar diferentes tipos de realidades para o seu aperfeiçoamento espiritual.

Por isso, faz-se necessário que haja uma mudança do paradigma acerca das doenças, incluindo o elemento transpessoal na sua formação, correlacionando os aspectos energéticos, emocionais e físicos em um todo integrado. Agora é preciso investigar qual o papel que o elemento espiritual exerce nesse processo, e de que maneira o corpo espiritual influencia na formação das deficiências visuais. Neste capítulo serão estudados também alguns pontos acerca dos domínios e o desenvolvimento da consciência.

3.1 O ASPECTO ESPIRITUAL DAS DOENÇAS

Inicialmente, faz-se necessário compreender alguns conceitos básicos que dizem respeito à consciência humana e os seus vários níveis. A Psicologia Transpessoal postula que a consciência abrange um grande espectro, estando subdividida em três níveis básicos com características específicas. Essa divisão não é de fato um retrato fiel do que acontece na mente, pois esta não é linear e nem extática, servindo apenas como uma ilustração com finalidade puramente acadêmica.

Segundo Grof (2000) a psique humana compreende três domínios fundamentais: o domínio biográfico pós-natal e o inconsciente individual (lembranças de fatos da infância, adolescência e vida adulta), o domínio perinatal e o inconsciente coletivo (lembranças do parto) e o domínio transpessoal (lembranças de vidas passadas e experiências extra-sensoriais e arquetípicas).

Existe na consciência um processo que ocorre de forma inconsciente denominado COEX. Ou seja, um núcleo de energia condensada que pode abrigar tanto percepções e emoções agradáveis quanto desagradáveis (raiva, medo, culpa, tristeza, alegria, força, prazer, etc.), cujo tema varia conforme sua intensidade e quantidade de situações acumuladas.

Um Sistema COEX consiste de memórias com carga emocional, que se assemelham pela qualidade da emoção ou sensação física que compartilham. Cada COEX possui um tema básico que permeia todas as suas camadas e que representa seu denominador comum. (GROF, 2000, pág.37).

A partir deste entendimento da consciência humana, verifica-se o quanto é complexa a origem e a estrutura das deficiências e disfunções. Frequentemente observa-se que os sintomas podem ser originários de vivências guardadas tanto no consciente quanto no inconsciente através dos sistemas COEX, no qual a energia se condensa em torno de um tema específico “De acordo com os novos insights, as desordens emocionais e psicossomáticas têm uma estrutura de vários níveis e várias dimensões com importantes raízes adicionais nos níveis perinatais e transpessoal.” (GROF, 2000, pág. 84).

No que se refere ao domínio biográfico, é importante salientar que as intercorrências que são vivenciadas ao longo da vida do indivíduo, desde as primeiras experiências após o seu nascimento, geralmente deixam marcas profundas nem sempre percebidas pelo consciente. A energia condensada de algumas situações que causaram dor e sofrimento pode dar origem a muitas disfunções tanto de ordem física quanto psicoemocional.

Verifica-se também que há uma forte ligação entre o domínio perinatal (lembranças do parto) e os sintomas psicofísicos. As experiências vividas no útero são cristalizadas na psique (nos COEX), e vão se repetindo no decorrer da vida sob novas formas e contextos. Esta repetição acontece de modo inconsciente, conforme a relação de ressonância existente entre as situações, com a finalidade de desbloquear a energia acumulada.

A respeito do domínio transpessoal, incluindo as lembranças de vidas passadas, parece haver uma influência direta entre estas experiências e o corpo físico. “Os problemas físicos de vidas passadas podem ser transmitidos até ao momento presente. Algumas das memórias parecem encontrar-se ligadas a áreas reais do corpo físico, uma espécie de memória celular”. (WEISS, 1999, pág. 98).

Assim, as sensações e os sentimentos negativos originários de eventos traumáticos, provenientes de qualquer um dos domínios, são condensados nos COEX. E estes, por sua vez, influenciam as crenças, atitudes e comportamentos das pessoas, até que possam ser reconhecidos e esvaziados. A forma mais clara de identificar os núcleos de energia que guardam distorções é ouvir e perceber atentamente aquilo que o corpo comunica através dos desconfortos e sintomas. Os sistemas COEX “são as forças dinâmicas por trás de nossos sintomas emocionais e psicossomáticos, dificuldades em relacionamentos com outras pessoas e comportamentos irracionais”. (GROF, 2000, pág.38).

Fica evidente, portanto, que as deficiências visuais não resultam apenas de um mau funcionamento dos olhos, podendo se encontrar diversas explicações a cerca de sua formação. Os sintomas são manifestações da configuração energética resultante de vivências acumuladas tanto de traumas da infância e do período intra-uterino, quanto de lembranças inconscientes de vidas passadas e crenças e emoções negativas cristalizadas.

Examinando-se mais amiúde o aspecto espiritual das doenças, é fundamental compreender os conceitos acerca da reencarnação e do carma, pois, a condição do sistema energético do indivíduo é pré-estabelecida bem antes de seu nascimento, ainda no plano espiritual, e sua materialização se processa ao longo da vida através de eventos sincronizados com as necessidades do seu Ser.

Enveredando por esta linha, muitos autores correlacionam as deficiências com traumas vivenciados em outra encarnação. Ou seja, as doenças são as impressões que não conseguiram ser transformadas e compreendidas em outro tempo e espaço. “A evocação de um trauma de outra vida equivale a reconstituir a cena, dando ao sujeito outra chance de causar o colapso criativo da reação reprimida”. (GOSWAMI, 2005, pág. 157).

Algumas tradições espirituais acreditam que certas doenças têm sua origem descrita antes mesmo do nascimento, e que o próprio ser, enquanto alma é quem estabelece sua estrutura e formação com o objetivo de alcançar o autodesenvolvimento.

Há doenças e deficiências kármicas, que escolhemos antes de encarnar. Neste caso, encarnamos com a doença escolhida ou a contraímos em algum momento da vida. A doença não tem cura quando é kármica e a alma escolheu morrer dessa forma. (WILLS, 2002, pág. 130).

Certamente há doenças e deficiências kármicas, mas tal fato não deve ser considerado necessariamente como sendo um fardo ou como um obstáculo intransponível. Em muitos casos observa-se que a doença conduz o indivíduo a um patamar mais elevado de consciência e a um caminho de grande realização. Vê-se ainda que a pessoa com a doença muitas vezes desenvolve um caminho totalmente novo, pessoal e criativo de cura dessa doença, trazendo valiosas contribuições para a comunidade em termos de novos métodos de tratamento e de cura.

Atualmente já são conhecidos muitos métodos criados a partir de experiências pessoais que transformaram os conceitos acerca da origem e do desenvolvimento de diversas enfermidades, incluindo técnicas complementares no tratamento. Neste sentido, as doenças se manifestam como uma missão que o Ser opta para realizar na experiência corpórea, com o propósito de servir à humanidade como um agente catalisador de transmutação e de cura.

Em casos desse tipo, a alma decide por trazer nesta encarnação certa tendência ou karma, apresentada sob a forma de disfunção física, afim de que possa experimentar o mundo através de uma possibilidade diferente de percepção. A pessoa com visão não-convencional tem a oportunidade de estimular os outros sentidos, desenvolver novas habilidades, percebendo aspectos da vida exterior e interior, a partir de seu Ser, de forma única, nova e criativa.

Estas informações indicam o quanto a consciência do ser humano é vasta, sendo o resultado do conjunto das experiências assimiladas no rol das encarnações. Para Dethlefsen e Dahlke (2007), o ser humano já nasce com um estado de consciência aprendido em uma outra vida, e os problemas - potencial das doenças constantes nessa condição - precisam de um novo contexto para que sejam resolvidos.

Existem diversos dados científicos e teorias orientais que explicam a reencarnação e a estrutura da alma. A reencarnação pode ser compreendida como um longo processo de desenvolvimento da consciência, no qual ela vivencia, através da corporificação, os temas que a tornarão plenamente desperta.

As diversas reencarnações de cada ser humano são as expressões imanentes de diversos temas da mônada humana universal e transcendente. As encarnações prosseguem até que cada um de nós complete a manifestação de todos os temas da mônada humana. (GOSWAMI,2005,pág.77).

Assim, uma encarnação não é suficiente para que a alma (ou mônada) consiga vivenciar a totalidade dos temas inerentes à consciência. Por isso, novas vidas são disponibilizadas até que todo o conteúdo do carma seja visto e assimilado.

Tanto budistas como hinduístas sempre postularam que a reencarnação leva tendências e hábitos adquiridos de uma vida para outra. Os budistas chamam-nos de sansaras e os hindus de carma. A lei cármica é implacável. Se não descobrir e aprender a vivenciar um contexto nesta vida, o carma a manterá no ciclo morte-

renascimento indefinidamente. Se aprendermos criativamente com um fechamento, “queimamos” carma e essas propensões de que não necessitamos mais. (GOSWAMI, 2005, pág. 194).



Figura 5 – A mônada quântica e a roda do carma

O Carma, neste enfoque, significa todas as propensões, tendências e contextos que foram constituídos ao longo das vivências encarnatórias. Sendo assim, o conceito de carma não poderá ser entendido como uma expiação ou castigo pelos erros que alguém julga ter cometido. Pelo contrário, as vivências acumuladas formam a sua compreensão acerca dos temas que precisam ser aprendidos, e servem como conteúdo para futuros contextos, nos quais esse aprendizado irá se manifestar.

Analisando-se mais de perto a concepção de carma, pode-se classificá-lo em duas categorias: carma positivo e carma negativo. Esta classificação é bastante indefinida, porém estabelece um parâmetro de como o indivíduo está em relação aos temas da vida. Na primeira categoria, o carma positivo, existe tendências e propensões que impulsionam a alma para a evolução e transcendência.

Os contextos que descobrimos e desenvolvemos em uma vida ficam conosco nas vidas subseqüentes e tornam-nas mais ricas. Isso é carma positivo. São contextos aprendidos em uma vida passada, servindo como sabedoria inata para esculpirmos melhor nosso destino nessa vida. (GOSWAMI, 2005, pág.190).

Já na segunda categoria, o carma negativo, vê-se a presença de predisposições que afastam a mônada de seu destino, mantendo-a limitada tão

somente à manifestação material percebida pelo ego. “O ser humano, como parte de seu caráter, também constrói defesas e barreiras contra a criatividade, contra o amor, contra a transcendência da identidade do ego, de modo geral. Esses condicionamentos constituem o carma negativo”. (GOSWAMI, 2005, pag. 190).

Há várias teorias que postulam algumas classificações a cerca dos corpos sutis e os demais elementos que constituem a aura, e que explicam como o carma se manifesta. Na tradição oriental, o ser humano possui cinco corpos da consciência, com vibrações e densidades bastante distintas: o corpo físico, o vital, o mental, o supra-mental e o sublime.

O mais externo é o corpo sublime, ilimitado; o próximo é o dos temas ou intelecto supramental, que Estabelece os contextos dos movimentos do mental, do vital e do físico. Destes últimos, o mental dá significado aos movimentos do vital e do físico, e o vital tem o projeto das formas biológicas da vida manifestadas no físico. Finalmente, o físico é o hardware, no qual são feitas as representações (software) do corpo vital e da mente. (GOSWAMI, 2005, pág. 124).

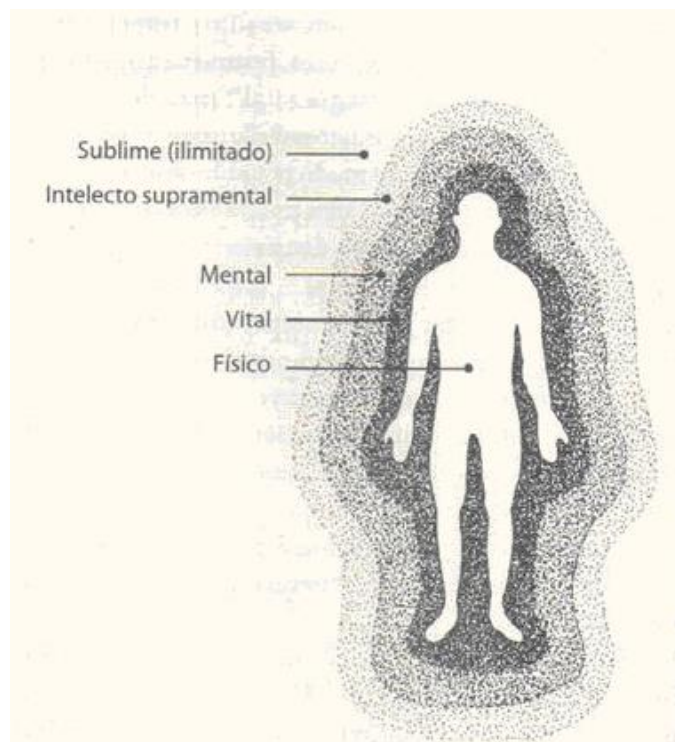


Figura 6 – Os cinco corpos da consciência

Seguindo este raciocínio, percebe-se que a mônada ou alma é entendida como o conjunto dos temas que deverão ser aprendidos no processo morte-renascimento, um contexto pelo qual a consciência assimila e integra a totalidade

dos conteúdos vivenciados. A alma engloba os corpos sutis e se estende além do sublime, estabelecendo a conexão direta entre o cosmo e os planos mais densos.

A mônada é individualizada, possuindo memória vital e mental, cujos contextos foram aprendidos em certa história encarnatórias. No nascimento a mônada leva o carma até a atual encarnação. Na morte, a mônada continua com o carma adicional acumulado nesta vida. (GOSWAMI, 2005, pág. 229).

É necessário esclarecer que as “escolhas” que a alma faz não têm nada a ver com as decisões que conscientemente a pessoa realiza em diversas situações da vida. Enquanto o ser vive encarnado em um corpo físico, é o seu ego que realiza tais discriminações. Porém, quando ele está vivendo na essência, no corpo sublime, no infinito cósmico, as escolhas decorrem da ressonância entre os temas aprendidos, as tendências que deverão ser transformadas e os contextos que estão disponíveis para essa experiência. Tal ressonância, por sua vez, se utiliza da memória quântica para que possa acontecer.

Conforme estas explicações percebe-se que o aspecto espiritual das deficiências perpassa pela compreensão do significado do carma. Desse modo, o carma tem uma influência direta nos males dos olhos, pois é a partir dele que as disfunções são originadas.

Os corpos vital e mental da mônada quântica que sobrevivem à morte portam a memória quântica. A memória quântica privilegia as probabilidades a favor das experiências passadas; isso cria uma predisposição, e é por meio dessa predisposição que o carma viaja de uma encarnação física para outra. (GOSWAMI,2005,pág.228).

Em outras palavras, o carma - tendências e condicionamentos que ligam o ser ao ego - que foi acumulado no rol das experiências encarnatórias, estrutura os padrões psicofísicos e emocionais da alma (mônada), e estabelece os contextos que eles irão se manifestar. A manifestação de tais padrões ocorre no corpo físico, por meio dos pensamentos, sentimentos e emoções cristalizados na consciência. Mas, nem todas as tendências são transmitidas de uma encarnação para outra. Esta condição vai depender do objetivo que norteia a alma numa determinada experiência corpórea.

Assim, a doença não é um mal necessário, um mero defeito apresentado na estrutura biológica do corpo material, e muito menos acontece de maneira aleatória e indiscriminada. Ao contrário dessa concepção, a doença é o resultado

final dos temas e conteúdos que não conseguiram ser transformados nos demais níveis da consciência. As deficiências crônicas, bem como os outros tipos de males dos olhos, refletem as propensões negativas e positivas as quais o ego está ligado, para que a alma possa expressar todo o potencial criativo do universo.

Portanto, as deficiências visuais funcionam como sinalizadores objetivos de distorções e colapsos que permeiam o plano anímico, mas também como um meio pelo qual o Ser desenvolve o seu potencial criativo. Entende-se por criatividade, no contexto desta leitura, como a capacidade de criar e manifestar as inúmeras possibilidades e realidades.

A necessidade fundamental de nossa vida encarnada é procurar a criatividade infinita numa base finita. Mas o corpo físico, a base, pela própria natureza de sua organização, limita a criatividade. Para prosseguir em busca da criatividade, a única opção de que dispomos consiste em trocar o corpo físico quando for necessário. Esse é o significado da reencarnação. (GOSWAMI, 2005, pág.79).

Dessa forma, o indivíduo que conhece as suas várias dimensões percebe que a sua natureza não se restringe à expressão corpórea, indo muito além do relacionamento com o mundo consciente a sua volta. Ele pode sentir que é uma extensão do próprio universo, uma partícula individualizada da fonte original de toda criação, e a ela sempre retornará.

Tanto o corpo físico como a mônada quântica (agora vista como o conglomerado dos corpos de intelecto supramental, mental e vital) estão mergulhados como possibilidades no corpo sublime de uma consciência transcendental. A manifestação da possibilidade em realidade é apenas uma aparência. No final das contas, há apenas consciência e não há dualismo. (GOSWAMI, 2005, pág. 135).

Sendo assim, a pessoa que convive com uma forma de visão não-convencional transcende a dualidade que a separa do Todo, à medida que expande sua compreensão a cerca de si mesma e liberta-se da concepção limitante que vincula o ego a uma auto-imagem deficiente. A superação advém a partir do movimento que o indivíduo faz no processo da aceitação, se reconhecendo como um ser espiritual, integral e repleto de potencialidades. Neste caso, a deficiência visual indicará claramente os aspectos de sua alma que precisam ser desenvolvidos a fim de que o eu real possa brilhar livremente a partir de sua essência.

É muito importante que o terapeuta transpessoal, bem como a sociedade como um todo, compreenda que a deficiência visual não precisa ser um fator de repressão que relega o indivíduo a uma condição de vida medíocre e resignada. Pelo contrário, ela pode ser uma porta aberta às inúmeras experiências que tornará o ser ainda mais desperto e pleno.

A deficiência se inscreve no eixo das escolhas da encarnação. Não é uma punição, mas um obstáculo. A vida não é viciosa e nem perversa, ela presenteia a todos segundo as suas capacidades, e se nos confia tarefas árduas é porque sabe que somos capazes (mas também temos necessidade) de superá-las. Mas são sempre provas de vida escolhidas por seres poderosos, fortes; cuja busca é aquela de uso obrigatório dessa força para a paz, a aceitação e para o amor pela vida. (ODOUL, 2003, pag. 196).

3.2 AS DOENÇAS E A TRANSCENDÊNCIA DO SER

Entendendo profundamente os elementos psicológicos, as emoções, os padrões de crenças cristalizados e as tendências cármicas que influenciam a configuração da deficiência visual, verifica-se a necessidade de responder uma questão: Qual é o papel que as doenças e os sintomas desempenham na vida do indivíduo? Este ponto requer uma análise mais avançada sobre os aspectos duais da psique humana e a relação complementar que existe entre estes e a energia primordial do Ser.

Mais uma vez é preciso ressaltar que a doença não é um mal inexorável ou uma punição. Sua manifestação pode ocorrer como um propósito de alma, de criar e desenvolver uma nova perspectiva de tratamento e cura. Isso acontece de acordo com a estrutura de cada pessoa e a forma como ela se relaciona com o mundo, com seu próprio corpo e com sua alma.

O corpo físico é um espelho que reflete o que fazemos em todos os níveis do nosso ser. Ele reflete nossa condição metafísica por meio de seus sistemas e órgãos e das doenças que os afligem. É também importante perceber que a doença é uma excelente oportunidade de aprendizado. (WILLS, 2002, pág.113).

Então, percebe-se a partir deste conceito que o corpo é uma das muitas instâncias pela qual a condição energética constantes nos demais campos (emocional, mental e espiritual) pode ser manifestada, bem como possíveis bloqueios e desequilíbrios também podem ser detectados. O aprendizado é

entendido aqui neste contexto como um processo de conscientização e conseqüente evolução espiritual.

A deficiência visual funciona também como um sinalizador de que alguma coisa no ser requer atenção; que alguma informação importante está fora do campo de compreensão, e precisa urgentemente ser reconhecida e aceita. Geralmente são os próprios conceitos e sentimentos da pessoa que precisam ser vistos. “O sintoma avisa que, como seres humanos, como seres anímicos, que estamos doentes e que o equilíbrio das nossas forças anímicas interiores está comprometido”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág.17).

Sob este ângulo “estar doente” se refere à dualidade e a necessidade de reconhecer os aspectos de luz e de sombra da alma. Aprofundando ainda mais esta reflexão, está claro que o homem é intrinsecamente doente, haja vista que a fragilidade e a imortalidade do corpo físico são condições inerentes da raça humana. Assim, a doença pode ser considerada não como um mal em si, mas uma tentativa de exprimir o bem abrigado no inconsciente. “O homem está doente porque lhe falta a Unidade [...] Estar doente, neste contexto, significa ser imperfeito, inseguro, vulnerável e mortal”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág.57).

Portanto, nota-se que os males físicos constituem uma das várias formas que o ser humano tem a sua disposição para ampliar a consciência acerca de si mesmo e caminhar rumo à iluminação. Seguindo por este caminho, a unidade referida acima corresponde à comunhão dos aspectos duais da psique, tais como luz/sombra, bem/mal, masculino/feminino, espírito/matéria, ego/self, etc. Para que o ser humano alcance um nível de perfeição e realização plena, é necessário integrar todas essas polaridades, formando um todo holístico e interdependente. Este processo chama-se transcendência. “Transcender o mundo, todavia, é sinônimo de transcender a polaridade e isso, por sua vez, é igual a renunciar ao eu, ou ego, pois somente se atinge a totalidade quando, finalmente, se pára de separar o eu do resto da existência”. (DETHLEFSEN, DAHLKE, 2007, pág. 36).

No que tange a questão da transcendência do ego, verifica-se que a deficiência visual pode favorecer esse processo. À medida que a pessoa aprende a utilizar os demais sentidos e a experienciar o mundo, as pessoas e os eventos de uma perspectiva mais energética, profunda e sutil, ela vai despertando outros níveis de consciência. Isto significa que este indivíduo já está integrando os aspectos

polares de sua psique e transmutando a identidade focada na auto-imagem deficiente.

Para muitas tradições espirituais e diversas linhas psicológicas, o ser humano caminha num processo de evolução rumo à transcendência, iluminação ou individuação. Este processo se desenrola de modo ascendente e contínuo ao longo das várias etapas da vida, de acordo com o aprendizado de cada ser. Tal aprendizado advém da compreensão de certos contextos e das interações que as pessoas fazem entre si, proporcionando-lhes oportunidades preciosas de autoconhecimento.

À medida que a consciência vai sendo ampliada, desvendando-se a verdade do ser e do mundo a sua volta, o indivíduo avança em direção à integração dos diversos aspectos da psique, tornando-se mais conectado ao seu Ser Real, a sua Essência. Segundo Pierrakos (2004), o ser humano evolui à medida que vai ampliando a compreensão acerca de sua espiritualidade, e que esta o levará à integração com o Todo. O desenvolvimento acontece a partir da essência, expandindo-se pelo ego através da vibração primordial do amor.

Assim, gradualmente as potencialidades do ser vão sendo despertadas e as tendências negativas se dissolvem e, finalmente, ele vai se fundindo ao Todo, transcendendo os aspectos duais e voltando à sua essência original que é a unidade. Para que a pessoa possa alcançar esse estado de desenvolvimento espiritual é preciso que ela se desprenda cada vez mais dos apegos do ego, e isso inclui também a sua identidade (auto-imagem), bem como suas máscaras e arquétipos. O ego é:

[...]a entidade energética do ser que mantém a integração do plano de operação físico, emocional e mental; é o instrumento pelo qual o indivíduo desempenha as tarefas intelectuais e mecânicas da vida. Assim, o ego, que reside na periferia da consciência humana, tem a função de integrar as realidades interior e exterior dos seres humanos. (PIERRAKOS, 2004, pág. 129).

O ego é uma voz que impulsiona o ser para viver emoções, e que o coloca diretamente em contato com as alegrias e com os sofrimentos. Ele é responsável pela forma como a pessoa se apresenta no mundo, auxiliando-a na interação com as outras pessoas. Através do ego o Ser pode desempenhar diversos papéis e representar inúmeros temas arquetípicos. Os mecanismos de defesa

também são definidos e gerenciados por ele, bem como os processos intelectuais e racionais da mente.

O Eu Superior, self ou Si-mesmo é o elemento que rege os aspectos mais inconscientes da psique, e está intrinsecamente ligado ao Eu Essencial. É o guardião dos conteúdos da sombra, os quais ainda não foram percebidos pela consciência, e que inspira o indivíduo com grandes idéias e insights criativos.

Quando alguém se conecta com o Self a vida ganha um sentido maior e experimenta fortemente a centelha divina. O Self oportuniza a vivência profunda da Essência, trazendo à tona sentimentos nobres como paz e serenidade. O amor incondicional e a compaixão são matrizes da essência, e se manifestam na vida do indivíduo quando ele estabelece essa ligação com o Eu Real partindo diretamente do coração e de forma natural.

Mas o eu real não é o ego; é a Essência. O centro humano é o princípio vital universal individual em cada um de nós, e não pode morrer. É a consciência, e envolve toda a unidade específica, da menor partícula subatômica, ainda a ser descoberta, até a totalidade do ser, o macrocosmo. Cada unidade tem uma função especial, um plano, que é através da vida que seu potencial é preenchido. (PIERRAKOS, 2004, pág. 133).

Por conseguinte, é o Ego que faz a mediação entre a porção original e o mundo e sem ele não há qualquer possibilidade de manifestação. Assim, é imprescindível que a pessoa tenha um Eu material forte e capaz de atuar conforme seu potencial, com uma estrutura de caráter que permita que o ser caminhe rumo à transcendência.

Do ponto de vista cósmico, o ego é a faculdade com a que o ser humano fragmenta a unidade consigo mesmo e com o resto da essência. O abuso do ego é também a principal maneira com que as pessoas rompem com a sua Essência criativa e perpetuam a doença. A energética da Essência também ressalta a importância do ego saudável. Mas o seu objetivo é aliar o ego à Essência e não a adaptação ao meio. Dessa forma, é possível devolver ao ego sua função de escolha e discriminação, e não de comando da personalidade. (PIERRAKOS, 2004, pág. 123).

Olhando por este prisma, a disputa advinda pelo conflito entre o Eu Exterior e o Eu Interior, entre o ego e o self, existente nos seres humanos, torna-se deveras inútil e cansativa. Na verdade elas são faces complementares da mesma moeda - uma não sobrevive sem a outra - e podem trabalhar de forma conjunta em prol da unidade.

Então, o indivíduo ascende a patamares cada vez mais elevados à medida que a sua consciência é alargada e ele compreende mais a fundo as raízes dos seus padrões de crenças e atitudes. O ego vai reconhecendo a si mesmo e agora poderá construir uma ponte que o alinhará ao self, diminuindo a distância que existe entre eles. Dessa forma, o Ego não é mais o único diretor da consciência, passando a usar sua força e seu caráter a serviço do Eu Real, e compartilhando suas escolhas com o Eu Superior.

Mas, em que momento a transcendência ocorrerá? Em outras palavras, quando a pessoa estará pronta para se desidentificar do ego e permitir que a sua essência governe livremente sua existência? Considerando que o Ego, bem como o corpo material, seja a estrutura fundamental da consciência e que sem ele tal consciência não poderá se manifestar fisicamente, pode-se inferir a partir disso que enquanto houver vida física haverá sempre a presença do Ego.

Contudo, é preciso compreender que a auto-imagem gerada pela psique é na realidade uma falsa imagem. O indivíduo não é apenas aquilo que se percebe conscientemente, e não se limita a certos padrões morais e sociais aprendidos nesta encarnação. Para Pierrakos (2004), a especificidade de cada pessoa advém do princípio vital universal de sua essência, e se manifesta na forma física e nas estruturas que integram sua identidade. Assim, a identidade fundamental da pessoa é moldada pelo movimento intencional de energia da Essência e deve ser avaliada não apenas pela sua personalidade e aparência, mas pelo que realmente o Ser é.

Enfim, percebe-se que a consciência é o que realmente permanece, e que esta contém todas as experiências e as possibilidades para que possamos retornar à fonte primordial e geradora de tudo. Na realidade, somos consciência espiritual vivenciando experiências numa forma humana, a qual reflete aquilo que permeia o nosso espírito, que busca incessantemente a Luz. “Potencialmente, o momento do nascimento e da morte, são momentos em que estamos sem ego (ou tão sem ego quanto deveríamos estar) e assim, é grande a oportunidade de percebermos nossa conexão não-local com nossas outras encarnações”. (GOSWAMI, 2005, pág. 84).

É imprescindível assinalar que a doença não se faz necessária para todos os indivíduos. Contudo, ela pode ser uma oportunidade que os levará à iluminação. As questões relativas à transcendência abrangem um grande espectro de abordagens filosóficas. Porém, é importante que ela seja conhecida aqui neste

contexto como uma conseqüência espontânea decorrente de todas as experiências vividas. Ela é o resultado esperado de um longo processo de evolução, sendo os sintomas apenas um dos veículos para que este processo possa se manifestar.

Todas as explicações apresentadas neste trabalho indicam a complexidade e as infinitas possibilidades que o ser humano experiencia na sua vida corpórea. E aquele que tem visão não-convencional não é diferente disso. Eles estão sujeitos às mesmas leis universais, e contêm no seu interior a imagem verdadeira do seu ser. A deficiência reflete uma condição energética e espiritual que precisa ser conhecida e trabalhada, mas não deve ser considerada como um rótulo limitante e intransponível.

Por isso, faz-se necessário que a pessoa que tem uma forma diferente de visão busque desvendar os mistérios do seu ser anímico, direcionando a sua identidade cada vez mais próxima ao que realmente ela é, e percebendo o Ego como uma parte imprescindível de sua psique, que tem como função auxiliá-la na compreensão maior daquilo que veio realizar na Terra. Desse modo, o indivíduo não se "desliga" simplesmente do Ego, mas gradativamente vai se desidentificando dele. Ou seja, conforme ele vai galgando níveis mais elevados de consciência espiritual, o véu da ilusão vai sendo descortinado e ele passa a reconhecer a divindade que habita em seu interior.

A deficiência visual, enquanto escolha da alma, constitui um mecanismo poderoso que conduz o Ser no processo de transcendência. A pessoa pode aproveitar esta experiência para aprender mais a cerca de seus dons e talentos, reconhecendo as infinitas formas de atuar na vida. A isso dá-se o nome de superação. Superação é compreender sua especificidade na forma de funcionar e de perceber o mundo. É aceitar amorosamente as diversas possibilidades que estão disponíveis para que o potencial criativo possa ser manifestado. E, principalmente, superação é aceitar a si mesmo como um Ser espiritual em desenvolvimento, um foco de luz repleto de amor e possibilidades.

4 A CURA: UM PROCESSO DE SUPERAÇÃO

Existem enfermidades, tanto genéticas quanto adquiridas, que não são passíveis de tratamento médico tradicional, sendo consideradas então como “incuráveis”. Isso se deve ao fato de se relegar a cura somente ao conhecimento da medicina alopática, focalizando exclusivamente a melhora do funcionamento do corpo físico e o desaparecimento dos sintomas.

A cura das doenças e deficiências abrange um espectro bem mais amplo do que o corpo físico, ultrapassando os limites descritos pelos órgãos, sistemas e músculos, abrangendo os demais níveis do Ser. Assim, O que chamamos de “cura” é na verdade um processo dinâmico e contínuo, que se inscreve em várias etapas e abrange os campos físico, emocional, mental e espiritual, de modo que o ser humano vai evoluindo gradativamente a níveis cada vez mais profundos de consciência.

Dessa forma, o processo de cura vai conduzindo o indivíduo na senda do seu coração, fazendo-o desvendar as verdades e as potencialidades que existem no seu interior e que podem ser manifestadas independentemente das limitações que a doença pode aparentemente trazer. A pessoa com visão não-convencional precisa ser estimulada a descobrir e desenvolver seus dons e talentos, a fim de que possam ser colocados a serviço de seu projeto pessoal e do mundo a sua volta.

Os profissionais que atuam na reabilitação e educação de indivíduos deficientes visuais necessitam deter conhecimentos sobre as limitações desses indivíduos bem como sobre o sistema de ensino e reabilitação vigentes. A escola e a reabilitação devem caminhar juntas, suprindo as reais dificuldades da criança, do adolescente e do adulto portador de deficiência visual. (TEMPORINI, 2008).

Portanto, a cura é um processo de superação no qual o indivíduo vai ampliando o conhecimento acerca de si próprio e das diversas maneiras de “ver” e vivenciar o mundo. À medida que o indivíduo expande sua consciência, vai superando seus próprios limites. Quanto mais ele mergulha no autoconhecimento, mais ele amplia seu campo de atuação, colocando em prática o seu potencial criativo. Isso é cura, ou seja, manifestar o potencial de realização originado na essência, a despeito dos aparentes limites físicos.

Quando a doença é vista apenas sob o prisma material, deixa-se de perceber o importante caminho que o indivíduo percorre no desenrolar do processo de superação. As pessoas com uma forma diferente de visão devem validar a si mesmas, respeitando cada passo e concebendo a cura como um processo de aceitação de quem realmente se é, independente da forma-padrão convencional.

Existe muita negatividade em torno das pessoas com deficiência. Se alguém não pode ver, não pode nada. A cegueira é vista como algo terrível, penoso, insuportável e extremamente negativo. A deficiência é contingência, fatalidade com a qual aprendemos a nos relacionar e a dominar para não sermos dominados por ela. A partir do momento que é colocada como barreira intransponível, ficamos paralisados. (SÁ, 2008).

Além disso, a cura pode ser um projeto de vida que muitas almas escolhem com o propósito de vivenciar e trabalhar certos padrões e tendências. Por outro lado, há pessoas que utilizam a deficiência como um agente de transformação espiritual, ajudando na cura e evolução da humanidade como um todo.

4.1 O PROCESSO DE CURA E A SUPERAÇÃO DA AUTO-IMAGEM DEFICIENTE

Geralmente o conceito de cura de uma enfermidade restringe-se a parâmetros puramente biológicos e funcionais do corpo físico, excluindo os demais aspectos que envolvem todo o contexto de sua formação. Com base no que foi apresentado nos capítulos anteriores, as doenças são criadas e manifestadas a partir de padrões, crenças e emoções estruturadas no campo energético, estando diretamente ligadas às outras dimensões do Ser, incluindo o corpo físico. Desse modo, para que haja realmente a cura é necessário que o indivíduo abra a sua consciência para um modelo mais pleno e verdadeiro de viver a vida.

Essa plenitude se refere à concepção que o indivíduo tem sobre si próprio, ou seja, a compreensão maior da natureza de seu Ser. Ao estar nessa consciência, ele então percebe que seu ego é norteado pela sua essência - uma fonte de energia constante em cada ser humano - que permeia e direciona todos os movimentos internos do seu corpo e de sua mente. A essência é um núcleo de energia universal associado à energia vital que vibra de maneira individualizada, para que o Ser possa manifestar o seu potencial criativo.

A essência é o núcleo da energia vital individualizada. Cada célula e cada entidade mais complexa, até o todo do organismo, consiste em energia pulsatória consciente. Cada um desses elementos tem um centro e uma periferia, e cada um deles emite e recebe força vital. A totalidade dos centros é a Essência do ser humano. (PIERRAKOS, 2004, pág.23).

Por conseguinte, pode-se dizer que a cura é um processo guiado pelo impulso da essência com o objetivo de propiciar ao ser humano experiências do Eu cada vez mais profundas e transformadoras. Então, um processo de cura se desenrola a partir de uma força intrínseca do Ser, não sendo resultante apenas da atuação de tratamentos médicos que visam puramente o corpo físico.

A Essência pode curar. Aconteça o que acontecer na periferia da pessoa, o centro de energia correta luta sempre para restabelecer os processos da vida. A Essência tem a capacidade de criar e recriar. É capaz de unificar opostos, e resolver a dualidade da pessoa humana, a separação entre o eu interior e a realidade exterior. A Essência pode também dispersar conflitos emocionais. (PIERRAKOS, 2004, pág.28).

Dessa forma, percebe-se que a cura deriva do próprio indivíduo, da sua vontade e possibilidade de autotransformação, cabendo a ele a responsabilidade de manter saudáveis as várias dimensões do seu Ser. O sucesso de medicamentos e qualquer outra intervenção da medicina acadêmica e outros métodos complementares não poderá ser garantido se a pessoa não se comprometer com as modificações que são necessárias, pois é a própria energia essencial do Ser (chamada por Paracelso - médico suíço - de Múmia) que determina a saúde e a doença. “Paracelso gostava de dizer que a natureza cura, o médico só trata. Para ele Múmia é a cura da natureza no ser humano, e não está situada dentro da pele, mas se irradia dentro e em torno da pessoa como uma esfera luminosa”. (PIERRAKOS, 2004, pág. 42).

Pode-se afirmar que uma doença foi curada quando os padrões e as tendências que a alimentam também são dissolvidos. Do contrário, vê-se o sintoma desaparecer momentaneamente para depois ressurgir em outro momento, e até mesmo tomar outras formas de manifestação. Por isso, a mudança interior é tão importante quanto a exterior, pois sustentará um funcionamento mais saudável do sistema físico e energético.

As pessoas passam por diferentes fases durante o processo de cura. Essas fases são partes do processo normal de transformação humana. A cura requer modificações não apenas físicas, mas também mentais, emocionais

e espirituais. Cada pessoa precisa reavaliar o seu relacionamento com as questões envolvidas num processo pessoal de cura, e redefini-las dentro de um novo contexto. (BRENNAN, 2005, pág.139).

A cura é considerada como um processo, por se tratar de algo profundo e que está em constante movimento de transformação. Assim, seu desenvolvimento ocorre em vários estágios. Estes estágios se diferenciam conforme cada pessoa. Algumas vezes observa-se mais claramente certas fases. Em outras situações, o indivíduo passa pelo processo vivenciando todas as emoções, sentimentos e atitudes inerentes a cada etapa.

Todas as doenças exigem que o paciente passe por uma modificação interna para facilitar a cura, e toda modificação exige uma entrega, uma rendição ou uma morte de uma parte do paciente – seja de um hábito, de um emprego, de um modo de vida, de um conjunto de crenças ou de um órgão físico. Assim, na condição de paciente/autocurador você vai passar pelos cinco estágios da morte e do processo de morrer. São eles: a negação, a revolta, a negociação, a depressão e a aceitação. (BRENNAN, 2005, pág. 140).

O primeiro estágio da cura é a negação. As pessoas geralmente têm dificuldades para lidar com os sintomas e tendem a ignorá-los. De modo geral isso se deve ao medo que elas sentem de encarar que seu corpo não está bem e que algo precisa ser revisto e transformado. Outro aspecto desse tipo de defesa é o perfeccionismo e o orgulho. Freqüentemente pessoas com baixa visão ou mesmo cegas recusam-se a admitir que precisam de ajuda, tentando “mascarar” de alguma forma suas reais necessidades. “A negação é uma defesa temporária que lhe dá tempo para que você se prepare para aceitar um estágio posterior. A negação nos impede de ver aquilo que não estamos preparados para ver ou sentir”. (BRENNAN, 2005, pág. 141).

No segundo estágio da cura, a revolta, a pessoa projeta no ambiente e nas pessoas a seu redor toda a emoção reprimida até agora. Tudo a seu redor lhe parece extremamente hostil e negativo, podendo entrar num penoso ciclo de vitimização. Nesta fase a pessoa com deficiência atribui a “culpa” pela sua condição a fatores externos, estando impedida de perceber o propósito real que a conduziu a este estado. “Ao passar pelo processo de cura, vai chegar o momento em que você não se manterá mais no estágio da negação. A essa altura, provavelmente você irá sentir raiva, fúria, inveja e ressentimentos”. (BRENNAN, 2005, pág. 144).

Já no terceiro estágio da cura, a negociação, a pessoa começa a refletir sobre o seu problema de outro ponto de vista. Ela procura incessantemente por uma solução e, para isso, procura barganhar [geralmente com Deus] alguma coisa em troca da cura. Tal atitude demonstra um grande sentimento de culpa e a sensação de que está sendo castigada por algo que fez ou deixou de fazer. Muitas vezes a pessoa busca refúgio em tratamentos médicos “revolucionários”, em cirurgias espirituais e faz até promessas. “Como a revolta não lhe proporcionou o que você queria, é provável que de forma inconsciente, você tente fazer um acordo ou fazer alguma coisa boa para obter o que quer”. (BRENNAN, 2005, pág. 145).

Chegando ao quarto estágio da cura, a depressão, a pessoa se sente muito triste, melancólica, desvitalizada e sem ânimo. Para ela a vida lhe parece tediosa e desprovida de prazer. Contudo, esta fase permite uma reflexão mais profunda acerca de si mesma, seus valores e seu modo de viver. Existe ainda alguma projeção para o exterior, mas agora essas emoções podem também ser dirigidas para o seu interior. Os sentimentos de perda por conta da mudança que precisa ser feita também afloram neste período. Em muitas ocasiões o indivíduo se entrega às limitações visuais, ficando mais introspectivo e recluso para o mundo. Nesta fase pode surgir também ansiedade, medos e fobias. “A depressão designa a sensação que experimentamos quando a nossa energia está muito baixa e perdemos a esperança de termos aquilo que queremos do jeito que queremos”. (BRENNAN, 2005, pag. 147).

O quinto estágio da cura, a aceitação, é a chave que abre finalmente a porta que levará o indivíduo para o caminho de transformação. Ele estará em condições de avaliar toda a trajetória percorrida, e preparado o suficiente para pensar no futuro e nas modificações que pretende fazer. Esta etapa é muito importante, pois é através dela que a cura poderá ser concretizada. Enquanto não se ultrapassa esta etapa a pessoa tenderá sempre a repetir os estágios anteriores até que consiga aceitar de fato quem realmente é. Agora a pessoa já compreende melhor seus “limites”, mas sabe também que tem muitas capacidades. É à hora de encarar a verdade de frente e agir visando o auto-desenvolvimento. “Esse é o momento de conhecer mais a si mesmo, de voltar para dentro e se encontrar consigo mesmo. Você questiona os valores em função dos quais viveu e que ajudaram a criar a doença. Você começa a sentir suas verdadeiras necessidades e a procurar o apoio de novas maneiras.” (BRENNAN, 2005, pág. 148).

Após passar por estas etapas, o indivíduo inicia um caminho de renascimento, no qual poderá seguir superando a si mesmo a cada momento. Muitas modificações começam a ser processadas, e a vida se direciona para um novo rumo. A pessoa reavalia toda a experiência acumulada ao longo do caminho, procurando viver de modo mais pleno e feliz com as condições que possui no momento presente. Este ciclo inclui mudanças tanto de ordem interna quanto externa, onde a pessoa passa a compreender a sua história sob uma ótica mais abrangente, transformando totalmente o conceito que tinha acerca de si própria.

Quando a pessoa com visão não-convencional ultrapassa a etapa da aceitação, poderá olhar claramente todos os aspectos e demandas relativas à limitação visual. Ela saberá aproveitar melhor os recursos disponíveis para auxiliá-la nas tarefas cotidianas, sem ter a sensação de autopiedade e de culpa. Tais recursos, bem como qualquer outro tipo de ajuda, passam a ser vistos como meios preciosos de autodesenvolvimento e como facilitadores da sua interação com o mundo.

No decorrer da recuperação, você descobre que revelou aspectos de si mesmo que estiveram encobertos por um longo tempo. Talvez qualidades de que você nunca teve consciência. Haverá muita luz aflorando de dentro de você. Você descobre novos recursos interiores aos quais antes, você não conseguia ter acesso. Embora você talvez sempre tenha sentido que eles estavam lá, agora eles começam a fluir até a superfície. Para você, isso pode representar um verdadeiro renascimento. (BRENNAN, 2005, pág. 149).

Analisando-se os pontos relativos à cura levantados até aqui, fica claro que a cura é primordialmente um processo de auto descoberta que leva o indivíduo a encontrar-se com o que existe de mais profundo no seu Ser, com o seu Eu Real, Com a sua Essência. Neste sentido, reforça-se a idéia de que as doenças e deficiências visuais propiciam ao indivíduo uma expansão de consciência e uma experiência de transcendência. “A cura acontece exclusivamente pela transmutação da doença e nunca pela vitória sobre um sintoma, pois a cura pressupõe a compreensão de que o ser humano se tornou mais sadio, ou seja, um todo se tornou mais perfeito”. (DECLEFSEN, 2007, pág. 18).

Outrossim, os males dos olhos podem se tornar um meio importante para que o indivíduo alcance dimensões mais profundas de seu ser, compreendendo seu aspecto anímico e transcendendo os padrões duais que estruturam o ego, para que possa seguir rumo à unidade.

Numerosas tradições metafísicas consideram o "eu" como um elemento análogo ao olho físico, e buscam o desenvolvimento através da faculdade da visão. (...) O ego em estado saudável torna-se o olho da Essência, e percebe, sintetiza e dirige o fluxo de energia que entra e sai da Essência. Através da visão, aquele que vê pode visualizar internamente o mundo exterior, o que dá a base para o senso de individualidade da pessoa. (PIERRAKOS, 2004, pag. 126).

Neste sentido, o terapeuta transpessoal precisa compreender a complexidade dos elementos que envolvem o processo de cura, de modo que seja capaz de propiciar ao indivíduo a possibilidade de ver todo o potencial criativo que ele possui para superar suas dificuldades e para concretizar seu projeto de auto-realização. Avançando por este caminho, aqueles que têm algum tipo de problema visual podem transcender a imagem de “deficientes” imposta pelos padrões vigentes de um pensamento mecanicista do homem, e viver mais plenamente o potencial de seu Ser com mais dignidade, autoconfiança e amor próprio.

Ter uma deficiência ou limitação no campo físico requer uma dose extra de ousadia, força e coragem para lidar com a vida. Essas pessoas não são de forma alguma “deficientes”, mas sim seres integralmente capazes e criativos, que possuem uma característica especial: a possibilidade de enxergar a realidade a partir de um prisma novo e não-convencional. “Recorde-se que a vida é muito mais do que aquilo que os olhos observam. A vida vai muito além dos nossos cinco sentidos. Procure ser receptivo a novos conhecimentos e a novas experiências. A nossa tarefa é aprender, tornarmo-nos semelhantes a Deus através do conhecimento”. (WEISS, 1998, pág. 178).

4.2 A CURA E O CAMINHO DA ACEITAÇÃO.

É incontestável a força que o indivíduo possui para curar-se a partir da energia constante em seu próprio Ser, guiada pelo impulso genuíno originado de uma vontade clara e bem definida. Fica evidente, portanto, que o processo de cura se desenrola à medida que a pessoa permite que o Ser manifeste essa intenção nos diversos aspectos de sua vida, dando a devida atenção dos mais simples até os mais complexos anseios de sua alma.

O elemento fundamental no processo de transformação é a definição de um propósito muito claro e positivo. Esse é o primeiro passo para você assumir a responsabilidade pela sua cura. Entre em completa harmonia com a

vontade divina para descobrir e afirmar a sua verdade, e para poder segui-la. (BRENNAN, 2005, pág. 157).

É muito importante também que haja uma compreensão maior acerca das causas metafísicas das doenças, de modo que a pessoa possa decifrar as mensagens intrínsecas dos sintomas e desconfortos. Saber “escutar” e reconhecer as reais causas das dores e tensões, além de evitar que estas se apresentem novamente, proporciona ao indivíduo novas oportunidades de auto-descobertas e de crescimento.

Somos nós os responsáveis pela nossa saúde ou falta dela. Por isso, eu acho que a cura está relacionada à vontade de detectar e tratar a causa da doença física. Sem isso ninguém se recupera. Mas tratando a causa, damos um passo à frente na espiral da evolução e ficamos em posição de ajudar os outros. (WILLS, 2002, pág. 113).

Como foi visto no item anterior deste capítulo, o processo de cura inicia-se de fato a partir da etapa da aceitação. Quando a pessoa finalmente consegue encarar suas reais necessidades, transpondo as dificuldades com as capacidades que dispõe, ela penetra em um novo estado de Ser. Através do constante autoconhecimento ela pode se superar a cada dia e aprimorar-se a cada momento.

Primeiramente, aquele que busca a cura de um problema visual deve se colocar numa postura disponível e aberta para deixar fluir toda a energia envolvida nesse processo. Nem sempre é fácil sair da homeostase em que se encontra, mesmo que esta seja aprisionante. A pessoa precisa romper com a aparente acomodação, despertando no âmago do seu Ser o aprendizado que está por trás da doença. Muitas vezes a cura consiste justamente na superação incessante dos desafios e das dificuldades. Dessa forma, ao ingressar no caminho de cura, antes de tudo o indivíduo precisa ter um grande desejo de curar-se e fé na própria força que possui para que ele se realize.

Dando continuidade a reflexão acerca dos fatores que interferem no processo de cura, vê-se uma conexão interdependente entre esta e as reais necessidades do Ser. Quando a pessoa negligencia algum aspecto de si mesma e de sua vida, de forma consciente ou inconsciente, impede que a energia flua livremente neste setor, originando um bloqueio ou desequilíbrio em algum nível do seu sistema, podendo chegar à doença física.

A satisfação das nossas necessidades em cada nível do nosso ser é muito importante para o processo de cura porque está ligado diretamente ao modo como ficamos doentes. O não atendimento das nossas necessidades é uma consequência direta de não vivermos de acordo com quem realmente somos. Parte da passagem do processo de cura consiste em reconstituir os passos no sentido de atender as necessidades reais que não estão sendo satisfeitas; reconhecer essas necessidades, por mais doloroso que seja esse processo; e em achar um meio de satisfazê-las agora. (BRENNAN, 2005, pág. 154).

Tais necessidades relacionam-se com sensações, sentimentos, atitudes e crenças que permeiam a relação do homem com o mundo, consigo mesmo e com Deus. Existem vários modelos que estruturam essas necessidades, baseados nos conceitos específicos de cada corrente filosófica que as estudam. Neste trabalho, as necessidades estão classificadas em sete níveis, cada um com uma graduação e qualidade específica, e estão diretamente associadas aos sete níveis do campo áurico. “O campo de energia humana está ligado ao nosso ser e expressa os nossos níveis físico, mental, emocional e espiritual. Cada nível do nosso campo está associado a um nível da experiência humana”. (BRENNAN, 2005, pág. 154).

Ao se tratar das necessidades humanas, é importante reconhecer que estas são, por natureza, infinitas e mutáveis. É pouco provável que a pessoa trabalhe com um nível de cada vez, de forma linear e previsível, e muito menos que ela consiga solucionar todos os problemas para sempre. Por isso, ao adentrar o caminho da aceitação, é imprescindível que aquele que convive com algum tipo de problema visual esteja atento aos anseios de seu Ser constantemente, desenvolvendo as qualidades da paciência, amor, respeito e compreensão por seus olhos, por cada parte de seu corpo e por seus sentimentos.

As necessidades no primeiro nível referem-se aos aspectos físicos e materiais da vida. É preciso que a saúde do corpo seja preservada com a ingestão de alimentos saudáveis, e que a sensação de alegria e prazer sejam sempre estimulada. As pessoas que vêm de forma não-convencional precisam sentir-se seguras e a vontade no ambiente em que se encontram, munidas dos recursos necessários ao seu bom desempenho e que facilitem sua comunicação com o mundo. Além disso, elas podem buscar a ajuda de tratamentos médicos alopáticos, homeopáticos e terapias holísticas que sejam mais adequadas para o seu caso. Porém, é fundamental respeitar o seu próprio ritmo e suas especificidades, evitando comparações, críticas e depreciações.

As necessidades do primeiro nível não passam de necessidades físicas. É importante manter a ordem no seu ambiente e definir o tempo e o local apropriados para qualquer atividade, de modo que você esteja constantemente se lembrando do seu processo interior de transformação. (BRENNAN, 2005, pág. 158).

As necessidades no segundo nível relacionam-se com as emoções e os sentimentos positivos que as pessoas nutrem a respeito delas mesmas. É primordial que o indivíduo com algum tipo de problema visual mantenha a sua auto-estima elevada, valorizando as diversas qualidades e virtudes que possui. Para tanto, ele deve identificar os aspectos de sua personalidade que considera mais vulneráveis e difíceis de serem aceitos, tentando compreendê-los e transmutá-los amorosamente. Quando não houver possibilidade de transformar uma tendência, característica ou condição é preciso reconhecer de que forma o indivíduo boicota e agride a si mesmo, roubando-lhe a oportunidade de aprender e superar suas limitações. “Um grande problema nesse nível é a falta de amor próprio, auto-rejeição e, até mesmo, o ódio por si mesmo. Esses são maus hábitos que você terá de enfrentar de forma direta.” (BRENNAN, 2005, pág. 160).

As necessidades no terceiro nível dizem respeito aos padrões de pensamentos que norteiam a mente de modo claro e lógico. Neste nível a pessoa com visão não-convencional deve angariar o maior número de informações possível acerca do seu diagnóstico, prognóstico, tratamentos, recursos ópticos e auxiliares, desafios, possibilidades, orientação e mobilidade, escolhas, etc. Além disso, é importante mapear as crenças negativas que impedem o seu crescimento, buscando instaurar um padrão mais construtivo, que vise o constante desenvolvimento do Ser. A superação ocorrerá à medida que os julgamentos forem dando lugar a uma visão mais flexível e conciliadora sobre si mesmo. “As suas necessidades no terceiro nível estão ligadas à sua mente e à sua necessidade de compreender a situação de forma clara, linear e racional”. (BRENNAN, 2005, pág. 161).

As necessidades no quarto nível se ligam ao grande anseio de amar e ser amado, e de ser valorizado pelo mundo a seu redor. Geralmente, o ser humano sempre busca a aprovação dos outros e, para isso, ele tenta pensar e agir conforme os padrões sociais considerados “corretos”. Numa pessoa com deficiência esse padrão pode mostrar-se ainda mais exacerbado, pois a ele se acresce o fato de ser “diferente” do padrão convencional. Na realidade, esses indivíduos devem procurar estabelecer uma relação harmoniosa com as outras pessoas a partir de sua

capacidade de amar e receber esse amor, a despeito de qualquer modelo de perfeição pré-concebido. As necessidades neste plano referem-se ainda a espontaneidade e interatividade que as pessoas precisam manter no convívio social, para que se sintam suficientemente queridas e apoiadas nas atividades que se proporem a realizar. Neste nível “precisamos dar e receber amor em muitos tipos de relacionamentos – com o nosso parceiro, com os familiares, com os amigos e colegas”. (BRENNAN, 2005, pág. 154).

As necessidades no quinto nível focalizam a expressão das idéias, necessidades e sentimentos. Quando o indivíduo externa o que está no seu interior, automaticamente ele se liga à verdade do seu Ser, conectando-se com a vontade divina, permitindo que essa energia flua livremente em todos os aspectos da sua vida. Aqueles que têm uma dificuldade visual devem expor claramente suas reais condições e necessidades, para garantir o bem-estar, o conforto e a harmonia no convívio social. Algumas vezes essa expressão fica bloqueada pelo medo de se expor e por muitas dúvidas. Para dissolver essas questões é importante trabalhar a humildade e a aceitação de como realmente se é e daquilo que precisa para viver melhor. Aprender a falar de modo claro, positivo e assertivo ajuda a estabelecer interações mais fluidas e traz muitos benefícios. “O quinto nível do campo está relacionado com a defesa daquilo que você conhece. É o nível da vontade. Isso significa estar em harmonia com a vontade divina que existe em você, e dispor-se a segui-la”. (BRENNAN, 2005, pág. 164).

As necessidades no sexto nível dizem respeito ao aspecto sagrado da vida e à natureza espiritual do ser humano. Qualidades como amor incondicional, generosidade, paz e compaixão precisam ser contatados para que haja uma sensação mais abrangente de compreensão e integração do Ser com relação a si mesmo e a tudo que o cerca. É sumamente importante que aqueles que convivem com a limitação visual desenvolvam um sentido maior para sua existência, através do estudo de modelos teóricos, filosóficos ou atividades meditativas que estimulem sentimentos profundos, e que satisfaçam os questionamentos relativos à religiosidade, espiritualidade, transcendência, etc. Estabelecer um tempo para perceber e alinhar os aspectos físicos e espirituais do Ser dissolve bloqueios e regulariza o sistema energético. Neste nível “precisamos da experiência da espiritualidade e amor incondicional”. (BRENNAN, 2005, pág. 155).

E, finalmente, as necessidades no sétimo nível estão ligadas à compreensão maior das leis divinas e do verdadeiro significado da existência. Corresponde à necessidade interior que o indivíduo possui de saber tudo a respeito de sua natureza, de onde veio e para onde vai, e qual o propósito de sua vida. Neste nível as pessoas com visão não-convencional podem entender melhor as causas intrínsecas dos sintomas e doenças, e o aprendizado a ser extraído de cada desafio e de cada dificuldade vivenciada. É importante ainda que elas desenvolvam a percepção de que tudo está em transformação, preservando a serenidade e a confiança no fluxo da vida. “Precisamos conhecer e compreender os padrões divinos de todas as coisas para enxergar o padrão perfeito contido na luz dourada de tudo o que existe, e para saber que tudo é perfeito na sua imperfeição”. (BRENNAN, 2005, pág. 167).

Portanto, a cura é um processo extremamente complexo que engloba um conjunto de atitudes, comportamentos, sensações e pensamentos, resultante de uma profunda mudança ocorrida nas várias dimensões do Ser. Todavia, a superação das dificuldades impostas pela limitação visual só poderá acontecer quando a pessoa se abrir para o caminho da auto-aceitação, quando ela for capaz de ver a si mesma de modo amoroso, compassivo e destituído de conceitos e rótulos limitantes e que nada têm a ver com a realidade.

Aceitar-se é deixar cair o véu da ilusão e alcançar o âmago da essência, descobrindo o que realmente ela é. Aceitar-se é tratar a si mesma como a pessoa mais importante de sua vida e cuidar para que ela esteja sempre disposta, confortável e feliz. Aceitar-se é simplesmente ouvir sua voz interior e torná-la consonante com o mundo externo, buscando sempre a evolução e a harmonia com os demais seres.

É inegável que a sociedade tem certa resistência em lidar com as diferenças, mas essa situação vem se modificando à medida que se reúnem mais informações acerca das necessidades especiais das pessoas com visão não-convencional, respeitando-lhes sua especificidade na forma de atuar no mundo, e resguardando-lhes a dignidade. Contudo, é importante não atribuir essa tarefa somente à educação formal e às instituições especializadas, pois cabe a própria pessoa que convive com uma limitação visual reconhecer e aceitar seus limites, habilidades e capacidades, e divulgá-las a seu redor. Essas pessoas precisam perceber em que medida elas nutrem o auto-preconceito e a postura de auto-

exclusão diante do mundo, para que possam adotar uma atitude mais aberta e flexível, servindo como um instrumento de educação para a sociedade.

Assim, o terapeuta transpessoal, através das diversas técnicas e abordagens holísticas e psico-espirituais, poderá exercer um papel muito importante no processo de cura de pacientes com uma deficiência visual, ajudando-os a compreender amplamente os diversos elementos que estão envolvidos nesse contexto, e a desenvolver o autoconhecimento como também a consciência maior das várias dimensões da vida além da morte.

Na qualidade de pacientes a experiência pessoal de que não morrem quando os corpos morrem leva-os a concluir que possuem de fato uma natureza divina que transcende nascimento e morte. A vontade de viver, de conseguir a cura, e a fé em que a cura pode acontecer e acontecerá, normalmente crescem graças a ela. Os pacientes aprendem tudo a respeito do elevado potencial que se encontra dentro de cada um de nós e que nos ajuda a planejar as nossas vidas e a alcançar a nossa centelha divina. Tornam-se menos ansiosos, mais descontraídos. Uma maior porcentagem da sua energia pode ser dirigida no sentido do processo de cura, afastando-se do medo e do sofrimento. (WEISS, 1999, Pág. 165).

Por tudo isso, percebe-se que o processo de cura abrange muito mais do que uma eliminação de um sintoma ou doença física. A verdadeira cura consiste em proporcionar o encontro do indivíduo com sua própria essência. Ou seja, a pessoa refaz a conexão com o seu Ser, contatando as virtudes e as qualidades positivas que ainda não puderam estar totalmente despertadas, alcançando assim um estado de transcendência do ego e a tão almejada evolução espiritual.

A Essência é a capacidade humana total, uma massa vital e luminosa, a fonte da consciência da força vital. A Essência tem completa unidade. É uma operação vibratória indivisível, um processo no qual cada pessoa conhece instintivamente a verdade, sentindo o pulso da vida. As características qualitativas dos movimentos da Essência são as emoções positivas ou os movimentos para fazer contato e unificar a pessoa com o mundo exterior. Elas podem ser resumidas numa expressão sublime: amor. (PIERRAKOS, 2004, pág. 27)

4.3 A CURA COMO UM PROPÓSITO DE VIDA

A esta altura nota-se que os olhos são muito mais do que meros órgãos dos sentidos e transcendem a simples função de proporcionar aos humanos a faculdade física de ver o mundo a sua volta. Os olhos são verdadeiros canais de expressão do Ser, preciosos mecanismos que alinham o indivíduo consigo mesmo e

com as demandas externas. Olhar significa configurar, compreender e materializar a realidade dos sentimentos, das emoções, do universo. Através do olhar a pessoa pode apreender as mensagens ocultas na comunicação, e desvendar o que se passa na alma. Se por acaso existir alguma dificuldade na funcionalidade desses órgãos, o indivíduo terá possibilidade de desenvolver uma nova forma de perceber e se manifestar no mundo, ao trabalhar determinados aspectos em si mesmo que ainda não foram despertados.

Por outro lado, a limitação física da visão pode evidenciar a limitação subjetiva no que tange conceitos, valores, crenças e atitudes que as pessoas têm sobre si mesmas e a vida. Nesse caso o problema visual conduz a uma reflexão mais ampla do eu, vislumbrando a existência de um nível mais profundo de ser, no qual o Eu Superior pode ser conhecido e contatado.

O eu superior de uma pessoa é a centelha divina dentro dela, ou o eu divino que habita cada indivíduo, o lugar que nos identificamos com Deus. Há uma centelha divina em cada célula do ser físico e espiritual, que contém a consciência divina interior. (BRENNAN,2003,pág.163).

Com base nos conhecimentos tratados neste trabalho, vê-se que o indivíduo que convive com uma limitação visual não é de fato “deficiente”, que é a forma que a sociedade o classifica, mas sim alguém que tem a sua própria forma de funcionar e atuar no mundo, concebendo-o sob uma ótica diferente. Todavia, é indubitável que a doença traz consigo uma mensagem implícita e um grande aprendizado tanto para a pessoa que a possui quanto para os que estão a sua volta. Neste sentido torna-se mister refletir um pouco acerca do propósito intrínseco da deficiência, e o objetivo que motivou o Ser a se disponibilizar para vivenciá-la.

Ao conceber a existência das dimensões sutis no ser humano, e que estas estão diretamente ligadas ao corpo físico, é importante saber que existe um propósito que alimenta e norteia toda essa estrutura. A alma, centelha divina individualizada se configura de modo organizado para que seu projeto ou tarefa se realize. “O corpo da pessoa é a cristalização no mundo físico dos campos de energia que as cercam e fazem parte dela. [...] O problema (tarefa) cristaliza-se no corpo e ali é mantido para o indivíduo poder vê-lo facilmente e trabalhar com ele. (BRENNAN, 2003, pág.164).

Neste contexto, o problema apresentado no nível físico representa a tarefa que o indivíduo precisa desempenhar numa encarnação. Esses

problemas/tarefas muitas vezes se relacionam com os desafios e com as dificuldades que as pessoas enfrentam ao longo da vida, a fim de que elas possam vivenciar e desenvolver certos temas e tendências. Os temas e as tendências que constituem o carma correspondem ao propósito que o Ser se dispôs a cumprir com o objetivo de se trabalhar e evoluir.

O propósito da vida de uma pessoa é viver os contextos ou temas que a mônada humana representa (os temas são os mesmos para todos os humanos), quando alguma coisa satisfaz sua alma, ela está vivendo o contexto de forma adequada, está cumprindo o seu destino. Se a pessoa não está satisfeita com a manifestação e a vivência plena dos temas de sua mônada, recebe outra oportunidade e outra vida. (GOSWAMI, 2005, pág. 79).

Aprofundando esta questão, entende-se a “evolução” como o processo de individuação pelo qual todo ser humano passa, e que o torna desperto para unir-se ao Todo. Em outras palavras, evoluir quer dizer iluminar os aspectos que ainda estão na sombra, para que a pessoa possa reconhecer a sua verdadeira natureza espiritual, a sua centelha divina. Assim, a tarefa primeira da alma é transcender o ego e a imagem limitada que a identifica com a forma física e os papéis com as quais estão relacionadas. Quando o Ser evolui, ele está seguindo a sua missão, e o seu propósito de vida.

A visão quântica (tal como a visão mística) é que a alma não tem existência à parte de Deus (ou consciência). A alma é uma identificação limitada que a consciência assume com o propósito de explorar possibilidades. Quando esta tarefa tiver sido cumprida a identificação com a alma se funde com o todo. (GOSWAMI, 2005, pág. 232).

De maneira específica, cada ser humano possui uma ordem particular que rege e delinea o seu sistema. Esta configuração encerra nos seus vários níveis todas as lições e todos os contextos já experienciados em outras encarnações, e que estão impressos na mônada, bem como as possibilidades e as realidades ainda não manifestadas. Então, com o auxílio da memória quântica, o Ser seleciona as tendências e os temas que constituirão o carma a ser trabalhado, determinando o dharma ou destino que deverá ser cumprido durante a encarnação.

A missão de vida de cada pessoa é escolhida por sua alma antes do nascimento. O projeto da encarnação é minuciosamente estabelecido nos planos físico, emocional, mental e social, de maneira que o indivíduo tenha as

características e as condições necessárias para que ele se concretize. Geralmente, observa-se dois tipos de propósitos: um mais ligado ao desenvolvimento individual do Ser e outro que visa o crescimento de maneira coletiva.

Primeiramente, no nível pessoal, há uma tarefa pessoal que tem o propósito de aprender a expressar uma parte nova de sua identidade. As partes da alma não identificadas com Deus ajudam a formar a encarnação específica com o objetivo de aprender a identificar-se com o Criador e, ainda assim, permanecer individualizada. A tarefa mundial é um dom que a alma traz para essa vida física, para dar ao mundo. Muitas vezes é o mesmo que o trabalho de vida pessoal, que vem naturalmente, desde cedo na vida da pessoa. (BRENNAN, 2003, pág. 163).

O propósito da vida, no âmbito pessoal, refere-se à tarefa que o ser humano precisa desenvolver, visando o crescimento e o aprimoramento dos aspectos de sua personalidade e do eu transpessoal. Isso quer dizer que ele precisa aprender as lições que o tornarão mais conscientes de sua natureza espiritual na forma individualizada, possibilitando uma convivência mais harmônica com a realidade externa e com os demais seres.

Você não está na Terra para viver na riqueza ou na pobreza, ser famoso ou viver no anonimato, trabalhar ou ficar desempregado. Você está aqui para “ser”, ou seja, para desenvolver sua individualidade, seu “eu superior. (BOURBEAU, 2006, pág. 19).

Neste plano, a pessoa com limitação visual é convidada a percorrer os meandros inexplorados de seu Ser, reconhecendo os aspectos de luz e de sombra, potencialidades e habilidades, para que possa apresentá-los ao mundo de maneira positiva e criativa. Além disso, são trabalhadas também a necessidade de auto-expressão do indivíduo e a capacidade de tornar-se independente apesar de haver um forte sentimento de integração com o todo. Ao mesmo tempo, a rigidez, o orgulho e o perfeccionismo vão dando lugar à sabedoria, à flexibilidade, ao amor próprio e pelos outros.

O propósito da alma, no sentido mundial, refere-se à missão que o ser humano sente que precisa seguir, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da sociedade, do planeta e do universo como um todo. Corresponde a um chamado interno que o impulsiona para a realização de um serviço maior à humanidade. Esse serviço pode ser desempenhado através de uma atividade profissional, religiosa, social ou comunitária. A tarefa mundial de cada ser

humano perpassa pela necessidade de fazer a sua parte no que tange o bem-estar de tudo que está a sua volta, partindo do equilíbrio que emana do seu interior.

Cada ser humano é considerado uma célula da Terra que, assim como o nosso corpo, contém milhões de células. Se cada uma dessas células for saudável, teremos um corpo sadio que nos proporcionará uma vida agradável. O mesmo se aplica à Terra. [...] Cabe a cada ser humano a tarefa de se purificar, manter-se física, mental e emocionalmente saudável. Desse modo, a harmonia reinará entre todos e a Terra se tornará um lugar próspero. (BOURBEAU, 2006, pág. 13).

Complementando o parágrafo anterior é imprescindível salientar que não existe saúde se as várias dimensões do ser não estiverem em harmonia. Assim, além do ser humano conservar-se mental e emocionalmente positivo, ele precisa manter-se também espiritualmente em harmonia para que a Terra e o Universo possam compartilhar deste estado. E isso acontece quando ele consegue viver de forma coerente, ou seja, quando houver uma consonância entre o pensar, agir e sentir no seu interior, tornando-o uno em seu próprio Ser. A prosperidade então fluirá de modo que todos estejam alinhados com a grande lei cósmica que permeia os processos de criação em todos os níveis do Universo. Por isso, cada pessoa tem a responsabilidade de buscar o equilíbrio em seu espírito a fim de que este possa sustentar a grande corrente de vida que integra a jornada das muitas encarnações, independente do tempo e do espaço.

Em muitos casos, a pessoa com alguma dificuldade visual procura integrar-se a movimentos que defendem os direitos do cidadão, tais como melhor acessibilidade, benefícios e a inclusão social. Por outro lado, existem aqueles que se disponibilizam para participar de pesquisas e novos métodos de tratamentos. Contudo, a tarefa mundial do indivíduo com visão não-convencional é educar a sociedade para ter um olhar mais amplo sobre a vida, respeitando as especificidades e as diferenças entre os seres, e estimulando as pessoas a verem-se de maneira não-convencional, mais amorosa e mais compreensiva.

Portanto, a pessoa que tem uma deficiência/limitação de visão, no nível físico, tem uma missão de vida especial. É importante que ela saiba da grande oportunidade que ela tem de superar a si mesma e ainda ajudar na evolução da humanidade. O trabalho de crescimento dá-se de forma particular para cada indivíduo. Todavia, quando alguém avança na grande espiral da vida em direção à cura, há uma reverberação para todos os demais seres, que podem acessar esta informação e têm então a possibilidade de vibrar nessa mesma freqüência.

A cura dos olhos, bem como os outros processos de cura em geral, além de envolver a satisfação das diversas necessidades, encaminhando o Ser rumo à aceitação, engloba ainda a consciência de que todo indivíduo é um Criador em potencial. Dentro dele existe a possibilidade e a força necessária para mantê-lo sadio. A cura ocorre à medida que ele acredita nisso, e começa a senti-la presente em seu corpo e em sua mente a partir deste momento.

Tudo que percebemos com os sentidos, que vemos com os olhos, que escutamos com os ouvidos é uma ilusão. A realidade tem lugar no mundo invisível. Antes que qualquer coisa se torne visível, ela precisa passar pelo plano invisível. Tudo que existe na Terra foi antes imaginado, cogitado ou sonhado. Esse é o grande poder do ser humano. (BOURBEAU, 2006, pág. 17).

Por tudo isso, não é possível entender o homem apenas sob o ponto de vista físico, biológico e cartesiano. Não é possível deixar de “ver” a dimensão sutil que o envolve e o determina. E, principalmente, é impossível fechar os olhos para a rede interativa que engloba todas as pessoas, os demais seres, o planeta e o universo. Assim, cabe a cada ser humano a responsabilidade de reconhecer e ocupar o espaço que lhe foi destinado para cultivar as sementes do conhecimento, da sabedoria e da paz.

Quando sua identidade estiver firmemente estabelecida na fluidez do nível budhi da existência, o ser humano perceberá que seguir o seu destino e manter seu dharma torna-se tarefas fáceis e objetivas. Diante disto, ele poderá ser criativo no cenário externo sem criar novo carma; poderá servir ao propósito do universo através da criatividade externa, a partir de um nível de existência mais abrangente. (GOSWAMI, 2005, pág. 206).

De acordo com as informações explanadas ao longo deste trabalho, ficou claro que a pessoa que tem uma visão não convencional pode perfeitamente superar as dificuldades impostas pela limitação visual. À medida que ela desenvolve o autoconhecimento e compreende as várias dimensões do seu ser, ela terá as condições necessárias para se superar a cada dia, a cada momento. Além disso, a pessoa que tem uma forma diferente de visão pode avançar sobremaneira no caminho da individuação ao passo que ela entende mais profundamente a origem espiritual de sua condição e reconhece a verdadeira natureza do seu ser anímico. Pois, a real missão da alma é evoluir e ajudar a humanidade a evoluir também através do aprendizado do respeito, da solidariedade e do amor.

5 CONCLUSÃO

Esta monografia tratou os problemas visuais à luz da Psicologia Transpessoal. O interesse maior deste estudo foi mostrar um pouco do mundo das pessoas que tem uma forma não-convencional de ver e perceber o mundo externo. Geralmente essas pessoas são classificadas como “deficientes” ou “cegas”. Aquelas que ainda possuem um resíduo visual são denominadas de “pacientes com visão subnormal”. Mas, o que realmente pode ser chamado de “normal”? Que critérios a sociedade utiliza para chegar a essa denominação? Será que estes critérios contemplam todos os aspectos do Ser? E, o mais importante, como essas pessoas são trabalhadas para que possam desenvolver suas potencialidades e ser inseridas com respeito e dignidade no convívio social? Esses são apenas alguns pontos que precisam ser revistos por todos os membros da sociedade.

O objetivo deste estudo foi analisar os fatores que auxiliam na transcendência dos limites relativos à deficiência visual no indivíduo que tem visão não-convencional, indicando o processo de aceitação como um caminho para a cura. A questão primordial que este trabalho se propôs a responder foi a seguinte: Como um indivíduo com visão não-convencional, pode transcender seus limites? Quais os fatores que influenciam na superação da deficiência visual? O estudo demonstrou que todas as hipóteses estabelecidas eram verdadeiras. Ou seja, o indivíduo com uma forma de visão diferente transcende seus limites visuais à medida que muda seu paradigma acerca dos males dos olhos, compreendendo que a sua origem advém de fatores das dimensões psicoemocional e transpessoal; ao se perceber como um ser espiritual que se direciona para um processo de transcendência; e ao compreender a cura como sendo um processo contínuo de aceitação e superação das diversas necessidades em todos os níveis do seu Ser.

Neste trabalho os males dos olhos foram analisados de uma forma mais ampla do que apenas conceituá-los segundo os padrões acadêmicos estabelecidos, trazendo um entendimento mais profundo sobre esta questão. A Psicologia Transpessoal, considerada a quarta força no campo dos estudos do desenvolvimento da psique humana, tem uma visão integrativa e holística acerca das doenças e suas causas, proporcionando um vasto campo de investigação das diversas dimensões do Homem. Assim, a Terapia Transpessoal oferece informações

bastante importantes para que o indivíduo seja concebido além dos seus limites físicos e pessoais, mas como um Ser espiritual que tem uma lição para aprender e um propósito a cumprir.

Segundo este estudo, o indivíduo é um Ser constituído de quatro dimensões básicas: física, emocional, mental e espiritual. Esta última engloba todas as outras e abarca a alma ou mônada, que contém todas as experiências das encarnações anteriores, bem como o projeto para a vida atual. Dessa forma, os sintomas e enfermidades advêm de um contexto estabelecido no nível energético, no não-consciente, que reverberam pelos demais níveis até se manifestarem no corpo físico. De modo algum as doenças e desconfortos são “mero acaso”, mas sim resultados do que se passa no campo metafísico do Ser, incluindo seus pensamentos, suas crenças e suas emoções.

Percebe-se que a doença traz em si a possibilidade de equilibrar o sistema através do expurgo ou transformação da energia dissonante, e de alertar o indivíduo para que ele observe seus hábitos, pensamentos, emoções e atitudes, podendo modificá-los e corrigi-los. No que tange os males dos olhos, a visão transpessoal explica que eles vão além da disfunção física, abrangendo um campo amplo de percepção que envolve os sentimentos e os conceitos que a pessoa tem de si mesma e do mundo à sua volta. Quando surgem problemas nesses órgãos significa que algo precisa ser reconhecido e melhor compreendido, tanto no seu interior quanto no seu exterior, a fim de que a pessoa amplie cada vez mais o autoconhecimento e a consciência de seu Ser. Neste sentido, aquele que tem uma dificuldade visual está sendo convidado a rever seus valores, suas crenças e a maneira como está lidando com a vida e consigo mesmo, bem como aproveitar esta oportunidade para utilizar seus outros sentidos como formas adicionais e complementares da percepção visual.

Este trabalho evidenciou também o papel que a doença pode desempenhar em relação ao despertar espiritual do indivíduo, ajudando-o a refletir como está se direcionando no caminho da transcendência do Ser. A teoria transpessoal, baseada nas tradições orientais e nos pressupostos mais modernos da psicologia, postula que o ser humano caminha rumo à individuação ou iluminação. Este processo de crescimento espiritual é gradativo e abrange inúmeras encarnações. Ao longo desse processo o ser vai evoluindo e se distanciando cada vez mais da identificação exclusiva com o ego, do eu exterior, ao passo que se

aproxima das qualidades do Eu Superior, estabelecendo uma conexão mais íntima com quem realmente é, com a sua centelha divina. À medida que o indivíduo evolui, ele amplia a consciência para os outros níveis do Ser, despertando as capacidades que ainda não tiveram a oportunidade de serem trabalhadas. Sendo assim, o problema visual pode indicar novas formas que o indivíduo possui para se manifestar, atuar e vivenciar o mundo, ampliando o autoconhecimento e indo muito além da perspectiva física que o compõe.

Neste ponto, o trabalho apresentou o carma como sendo um dos aspectos que contribui para a formação das doenças, sejam elas adquiridas ou congênitas. O carma é tratado aqui, segundo a visão oriental, como sendo as tendências e características (positivas e negativas) que a mônada acumulou durante as encarnações. Portanto, a reencarnação só é necessária quando a alma tem um repertório de temas para vivenciar e muitas tendências (carma negativo) que requerem transmutação. Daí a relevante influência que os sintomas exercem em relação ao despertar espiritual do Ser, pois, através deles, a pessoa pode ter a compreensão de que o verdadeiro ser vai além das representações do ego, das suas máscaras, das limitações físicas e da auto-imagem “deficiente”.

E, por fim, este estudo abordou a cura de maneira mais abrangente, dissolvendo as barreiras que restringem o tratamento somente à eliminação dos sintomas do corpo físico. Finalmente, a cura passa a ser concebida como um processo dinâmico, profundo e contínuo de mudança pessoal, no qual o indivíduo se dispõe a transformar os diversos aspectos da sua vida interna e externamente. Esta jornada abrange vários estágios, um longo caminho que o indivíduo percorre em busca da superação. Mas, é a partir da etapa da aceitação que a cura começa a ser desvelada. Quando a pessoa com algum problema visual consegue ver a si mesma com amor e compaixão, aceitando os limites e as dificuldades como desafios e oportunidades de aprendizado, ela então poderá entender qual o sentido de sua existência e a razão dos sintomas e enfermidades. E, em busca da aceitação, a pessoa se encontra com a sua missão de vida, o propósito que a fez encarnar neste planeta, nesse espaço e tempo específicos, cumprindo assim com a responsabilidade maior de conduzir a sua alma e todo o Universo rumo à evolução. Pois, o trabalho individual de cada pessoa reverbera para a evolução do Todo, e o Todo, por sua vez, influencia o crescimento pessoal do Ser.

Conclui-se, a partir deste trabalho, que o terapeuta transpessoal pode auxiliar sobremaneira as pessoas com visão não-convencional, propiciando-lhes uma ótica mais holística e integradora acerca de si mesmas, que compreende que o Homem é um Ser constituído de vários níveis e gradações de energia. É fundamental que o indivíduo aprenda a reconhecer e validar suas necessidades, integrando-as no processo de tornar-se cada vez mais uno com o seu verdadeiro Eu. Além disso, é preciso atentar para o fato de que os seres que se dispõem a viver a sua encarnação através de uma forma diferente, superando inúmeros desafios, certamente têm uma missão especial. E esta missão pode ser a de servir como um instrumento de educação e desenvolvimento da humanidade, exercitando novos modelos de perceber e experimentar o potencial criativo do Ser, e manifestá-lo no mundo.

REFERÊNCIAS

BOURBEAU, Lise. *Escute o seu corpo: o melhor amigo que você tem na terra*. São Paulo: Ed Ground, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação de Atenção a Grupos Especiais. Programa de Atenção à Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência. Atenção à pessoa portadora de deficiência no Sistema Único de Saúde: planejamento e organização de serviços. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde; 1993. 48p.

BRENNAN, Bárbara Ann. *Mãos de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*. São Paulo: Ed. Pensamento, 2003.

_____. *Luz emergente: a jornada da cura pessoal*. São Paulo. Ed. Pensamento. 2005.

Carvalho KMM, Gasparetto MERF, Venturini NHB, Melo HFR. *Visão subnormal: orientações ao professor do ensino regular*. 2a ed. Campinas: Editora da UNICAMP; 1994.

DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rüdiger. *A doença como caminho: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. São Paulo: Ed Cultrix, 2007.

GOSWAMI, Amit. *A física da alma: a explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase morte*. São Paulo: Ed. Aleph, 2005.

GROF, Stanislav. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*. Rio de Janeiro: Ed. Heresis, 2000.

HAY, Louise L. *Cure seu corpo: as causas mentais dos males físicos e o modo metafísico de combatê-los*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1988.

LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da realização: dos medos do eu ao mergulho no ser*. São Paulo: Ed Vozes, 1997.

MARTINS, Ednéia Lara Souza; LEONELI, Luiz Bernardo. *Do-in, shiatsu e acupuntura: uma visão chinesa do toque terapêutico*. São Paulo: Roca, 2004.

ODOUL, Michael; *Diga-me onde dói e eu te direi por quê: os gritos do corpo são as mensagens das emoções*. Rio de Janeiro: Ed Campus, 2003.

PIERRAKOS, John C; *Energética da Essência: desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. São Paulo: Ed Pensamento, 2004.

SÁ, Elizabet Dias de. *A Integração do Aluno Com Deficiência Visual no Curso Secundário: Diagnóstico da Situação*. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufri.br/~elizabet/integra.htm>>. Acesso em: 15 abril. 2008.

TEMPORINI, Edméa Rita. *Utilização de recursos ópticos e equipamentos por escolares com deficiência visual*. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos2/utilizacao-recursos-opticos/utilizacao-recursos-opticos.shtml>>. Acesso em: 15 abril. 2008.

WEISS, Brian L; *O passado cura: a terapia através de vidas passadas*. São Paulo: Ed Pergaminho, 1999.

_____. *Muitas vidas, muitos mestres*: São Paulo. Ed. Pergaminho, 1998.

WILLS, Pauline; *Manual de cura pela cor: um programa completo de cromoterapia*. São Paulo: Ed Pensamentos, 2002.